

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

AMBROSINA AMELIA CASTELAR BRITO

**ECO: O PASSADO SE ENAMORANDO DO AGORA...  
CONTAR HISTÓRIAS, LÍNGUA PORTUGUESA E  
PESQUISA**

Monografia apresentada à  
Faculdade de Educação da  
Unicamp para a obtenção do título  
de especialista em educação, sob a  
orientação da Prof<sup>ª</sup>.Dra. Afira  
Vianna Ripper.

Campinas 2009

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

AMBROSINA AMELIA CASTELAR BRITO

**ECO: O PASSADO SE ENAMORANDO DO AGORA...  
CONTAR HISTÓRIAS, LÍNGUA PORTUGUESA E  
PESQUISA**

Campinas 2009

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA	TCC
	B777e
V:	EX:
Tombo:	4824
PROC.:	134/10
C:	D: x
PREÇO:	11,00
DATA:	05/05/10
CÓD TÍTULO:	477067

## Ficha catalográfica

© by Ambrosina Amélia Castelar Brito, 2009.

### Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Faculdade de Educação/UNICAMP Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8º/5751

B777e	<p>Brto, Ambrosina Amélia Castelar Brito</p> <p>Eco: o passado se enamorando do agora... contar histórias, língua portuguesa, pesquisa / Ambrosina Amélia Castelar Brito. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.</p> <p>Orientador: Afra Vianna Ripper.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p>1. Oralidade. 2. Narração. 3. Prática pedagógica. 4. Produção do conhecimento. I. Ripper, Afra Vianna. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">C9-378-BFE</p>
-------	---

*Dedico este trabalho a minha mãe Esperança, meu irmão Gladston Castelar,  
Helene, Marcelo Henrique e Gladston Junior.*

*"Deus tira as pessoas queridas de nosso caminho para sabermos se  
conseguimos ser felizes sozinhos".*

*"As pessoas não morrem, ficam encantadas" (ROSA, Guimarães).*

## AGRADECIMENTOS

A meu pai Wilson Brito pelo carinho e pelo “colo” sempre disponível.

A Wilson e William, filhos de minhas entranhas, por ensinarem-me a ser mãe e por tornarem essa missão tão agradável

Ao Maia, meu “sopro suave”, pelo carinho, paciência, sintonia e pela palavra ideal na hora do “branco”.

A meus irmãos e irmãs, companheiros sempre.

A meus sobrinhos pelo carinho e colaboração tecnológica

Aos meus alunos, pelo carinho, pelo aprendizado constante e pelas respostas que deram ao nosso trabalho.

A Doutora Afira um dos melhores prazeres... Não só pela profissional, mas pelo exemplo. “Um as palavras intensas, diferentes, abrem de espaços a vastidão onde o real furta à “fábula”.

A Professora Maria Aparecida Damin, para nós, a Cidinha. “(...) olhava nuvens, as esculturas efêmeras do céu” (Guimarães Rosa). Exemplo para mim de professora amorosa. Sem você, certamente, este trabalho não se teria concretizado.

A Dr. Jorge Megid, toda minha simpatia, “A verdade intensa das coisas supostas” (ROSA, Guimarães)

A Dr. Guilherme Toledo que faz reviver a história que existe em nós: “Não gosto de falar da infância”. É um tempo de coisas boas, mas sempre com pessoas grandes incomodando a gente, estragando os prazeres. (Rosa, Guimarães).

Doutora Maria de Fátima. Foi também uma alegria conhecê-la. Ensinou-nos a sermos mais ousados com as novas tecnologias. Como dizia o jagunço Riobaldo: “quem desconfia, fica mais sábio” (ROSA, Guimarães)

Dra. Ângela Soligo agradecimento pelas aulas instigantes. Como diz W.Heisenberg “Temos de lembrar que o que observamos não é a natureza em si, mas a natureza exposta aos nossos métodos de inquérito” (in Princípio da INCERTEZA p.41)

A Eneida, menina iluminada, pela gentileza sempre.

A Ana Murguel, Kátia Verginia, Mariângela Von Zuben e Marilda Teixeira Franco, pela convivência e pela partilha da travessia dessa escrita. Altos “papos” “O senhor é de fora, meu amigo, mas meu estranho. Mas, talvez por isto mesmo. Falar com um estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo” p.72.

A todas as colegas do curso:

“Cada uma é um ponto de laminação, carretel, vapor, fervor, orifício”.

Muitas se acertam, se acirram insistidíssimas. Umas são mais secas. Calam-se a um tempo repentinas. Cada uma despejou seu chio, parou, pôs-se a rolha. Outras, longas retomam-se. Aquele concerto se aproxima. Elas são os galos da tardinha. São ondas. (ROSA,Guimarães)”.

A Prof.Joaquim, pelo incentivo e carinho.

*É a vez? Era uma vez... Ser áa vez?  
Que vez? É sua vez?  
E minha vez?  
Era uma vez...*

*Se você me ouve  
Se você me der ouvido  
O que vou dizer  
É isto e aquilo  
Eis o que digo  
Meu dizer  
Meus dizeres  
Desenrolando a língua  
Língua solta  
Meu falar  
Fiando saberes: desenrolando a língua  
Destravando a língua: desfiação  
Soltando a língua  
Perdão, mas não me calo  
Diga, se digo ou não  
Minhas pequenas histórias.  
Era uma vez...*

## RESUMO

Este estudo problematizou a prática pedagógica no ensino da Língua Portuguesa a partir da narração de histórias no contexto da EMEF Professora Elvira Muraro e EMEF Oziel Alves Pereira, em Campinas, São Paulo, com alunos do ensino fundamental durante os anos de 2008 e 2009.

Observei que contar histórias possibilitou a construção de conhecimentos de forma aberta e motivadora, onde o aluno exerceu sua autonomia em relação ao tema de estudo, escrita.

Situação que exigiu saberes de diversas áreas do conhecimento como o ferramental da estatística para a organização e análise dos dados coletados em seus temas de pesquisa.

Um processo de produção do conhecimento sem fronteiras disciplinares, dinâmico e contextualizado.

*"De longe a gente avista os buritis, e já se sabe: lá se encontra água."*

*(ROSA, Guimarães).*

# SUMÁRIO

<b>Memorial: Ecos de uma escola.....</b>	<b>01</b>
• A mágica força da mulher que viveu um campo de flores.....	04
• A escola e suas aventuras.....	07
• Contando histórias com os alunos.....	12
• Florbela Espanca e a Pedra do Meu Caminho.....	15
<b>Introdução.....</b>	<b>23</b>
<b>Capítulo 1. Arte de Contar Histórias.....</b>	<b>26</b>
1.1 Caracterização dos alunos observados; cotidiano e pesquisa.....	28
1.2 Contando Histórias.....	36
1.3 Caçar palavras, caçar histórias.....	38
1.4 Ecoando Histórias como fator de integração familiar.....	43
<b>Capítulo 2. Contar histórias e o exercício da leitura e escrita.....</b>	<b>46</b>
2.1 Escrevendo carta.....	47
2.1.1 Reflexos/desdobramentos.....	51
2.2 O Encantamento do Folclore.....	55
2.3 Contrafabulando.....	60
2.4 A história teatralizada.....	63
2.5 Poesia: Despertando emoções.....	65
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>67</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>69</b>

## PREPARATIVOS

Primeiro os preparativos: acenda o

fumo,

Deixe a conversa tomar rumo

A rede esticada, presa em duas

palmeiras,

O céu noturno cheio de estrelas

(Contos e outras histórias - Aletria)

"Ajude-me meu São Cascudo,

Que tem coisas nesse mundo

Que só existem nas memórias

Do povo mágico das histórias.

Quero uma lição de Geografia

Que um índio velho contaria

Para uma criança portuguesa

Se fartando com a sobremesa

De pé de moleque e brigadeiro

Junto com um peão boiadeiro.

São Cascudo, me diga o que é

Que vem de noite em um só pé,

E como me livro dessa assombração

Meu Santo Padroeiro da Tradição.

Agora vou me deitar na rede,

Pois eu sei que o Santo entende,

Que amanhã é dia de festança

Vai ter música, aguardente e dança

Pro meu coração enamorado.

Valei-me meu São Cascudo!"

Luiz da Câmara Cascudo \*

30/12/1898 + 30/07/1986

O lançamento de "São Cascudo" ocorreu no Simpósio Internacional de Contadores de Histórias, realizado no Rio de Janeiro.

## Memorial: ECOS DE UMA ESCOLA

Aos “pés” da Serra da Canastra, à beira do Rio Santiago, lá pras bandas de um Campo Alegre, seguramente em um instante de amor, em algum dia de março fui concebida.

Gravidez normal, porém de muita apreensão, devido à doença anterior de minha mãe. Eis que às vésperas do Natal, em meio às novenas e ladainhas próprias do mês, nasci. Saudável e linda!

Aos olhos dos irmãos e a mim relatado por eles ainda hoje, bonita e viva. Olhos negros, espertos, cabelos cacheados, rechonchuda e com “covinhas”. Conclusão: linda! Dizem que, devido a esta gestação temporã, fui muito esperada e após o sucesso desta, muito “paparicada” por todos.

Fui criada na fazenda, na década de 60, em uma região geograficamente rica e de população pobre onde a lamparina e um cavalo arreado expressavam o status como conforto máximo de um proprietário de terras. Meu pai.

Meu pai! Homem, ainda hoje, com 90 anos, forte! Inteligente! Quase nenhum estudo, mas do tempo em que um “fio de bigode” é que valia. Portanto, honesto. Em contraste com o seu vigor físico quase que bruto, tal qual um jacarandá, um homem extremamente dócil, carinhoso. A segurança que tenho para enfrentar as intempéries da vida, acho que vem daí, dos “braços fortes do papai”, maneira que se refere ainda, quando nos vê em apuros. Honestidade e segurança. Sim! Estas as minhas primeiras lições na “Escola da Vida”.

Minha mãe! Outra lição! Ao contrário de meu pai. Frágil fisicamente, estudada, colégio francês Sacre Coeur de Marie, intelectual e forte. Muito forte! Contrastando com seu perfil franzino... Talvez esteja aí a minha segunda lição na escola da vida: as aparências enganam. Bem humorada costumava dizer que deixou um perfume francês por um cheiro de mato e então sou a filha número seis deste prodígio que foi minha mãe.

Rodeada pelos irmãos, num quintal que tinha como limite o horizonte, aos nossos olhos sem fim, vivi a brincar explorando um espaço infinito de possibilidades. Ali fui rainha, princesa, cozinheira... A vida era um brincar e aí então, neste ambiente propício fui aluna da escola mais importante: a "Escola da Vida". Diploma maior e mais digno, ainda hoje nenhum a superá-lo.

Buscar água no córrego e lá banhar, gravetos no quintal para acender o fogo, ovos no ninho, tomar leite no curral, literalmente ao pé da vaca, cavalgar etc., era o meu cotidiano. Tudo mágico naquele ritmo bucólico, e porque não dizer, mineiro de ser.

Lá, neste espaço ilimitado tive as minhas primeiras lições. O aprender era vivenciado, os erros conseqüências: tributo do aprendizado. Mexeu com fogo, queimou. Mexeu com faca, cortou...

Natural era o respeito à hierarquia, aqui não visto de cima para baixo, mas de mais (experiente) para menos (experiente). O pai, a mãe, o irmão mais velho. Tudo num misto de carinho, que até as palmadas que levei e foram poucas, soavam muito mais como uma ressalva, do que como uma punição. Como que: "tenha mais atenção"... Ponha sentido! Cuidado!

Com esta possibilidade de visão infinita, a astronomia a mim apresentada foi descoberta nas visitas às comadres para "rezar terço". Os caminhos, as trilhas iluminadas pelo luar e decoradas pelas estrelas, eram-me apresentadas as Três Marias, a Estrela Dalva, o "Setestrela" tudo num misto de sincretismo religioso.

(...) *"de repente na escuridão opaca, pesada, de breu, as cinco estrelas do Cruzeiro: Cruz Credo! Foi o céu que se benzeu"* (...) Guilherme de Almeida

O estalar da lenha no fogão era prenúncio das gostosuras. Não os "fast foods", mas produto do buscar. Buscar goiaba para fazer goiabada. Tirar o leite para, magicamente, transformar-se em queijo, todo esse buscar implicava numa cumplicidade. O apanhar, o tirar, o limpar, o cozer, o cortar, o acompanhar de preferência com um bom queijo mineiro esquentado na chapa. Tudo isso resume a sacralidade do espaço cozinha. Sustentação física e emocional. A química na transformação prazerosa, fazer a horta, criar o animal, e depois milagrosamente transformar em guloseimas inesquecíveis nunca mais degustadas por mim.

O açúcar que derretido e queimado transforma-se na mais deliciosa bala pra nenhum “Ferrero Rocher” botar defeito. A rapadura tal qual a vida, dura e doce. Magia!

De maneira empírica as ciências apreendidas, no deparar o frango e cortá-lo “nas juntas” como diziam as minhas muitas sábias preceptoras. Muitas, pois o educar cabia a todos, sem distinção de idade, cor etc. Desde irmãos a fazer boizinho de sabugo, bola de meia, cozinheiras, até os “camaradas” um mundo de informações de igual valor. Insuperáveis professores leigos, que transmitiam vivências jamais encontradas em literatura. Saberes transmitidos natural e missionariamente: desde o chá de poejo para dor de barriga do nenê, biscoitinho em forma de letra, mandinga pra espantar cobra, até o sofisticado uso da Artemísia – “artemijo”- com suas funções, além de outras – emenagogas “fazia descer” - uma verdadeira panacéia, não menos importantes para a vida, então aí já em canção:

(...)  
Debulhar o trigo  
Recolher cada bago do trigo  
Forjar no trigo o milagre do pão,  
E se fartar de pão.  
Decepar a cana  
Recolher a garapa da cana  
Roubar da cana a doçura do mel,  
Se lambuzar de mel.  
Afagar a terra  
Conhecer os desejos da terra  
Cio da terra propicia estação,  
E fecundar o chão.  
(...)

Milton Nascimento e Chico Buarque de Holanda – 1976

Um sincretismo religioso vivido, pouco discutido. Sentido no milagre que é a natureza.

(...) *“e o Sol é sempre pontual todos os dias”...* F. Pessoa

(...) *“Pensar uma flor é vê-la é cheirá-la”.*

*E comer um fruto é saber-lhe o sentido “(...) F.” Pessoa*

## A mágica força da mulher que viveu um campo de flores

O DEUS sem preocupação de imagem, o SER, em todos os milagres. Desde o meu nascimento até o multiplicar de tudo. A beleza das flores que servem para perfumar, mais tarde quem sabe em flor de laranjeira, já então noiva, ornar. Sonho!

As histórias do mundo, sagradas ou não, neste sincretismo tomavam forma no “rabo do fogão”. Eu, criança, tive a oportunidade de ouvir a história do Brasil e do mundo, dos “heróis” tão magicamente descritos num nacionalismo exacerbado, típico do sertão brasileiro. Embalada então pelos fortes braços de meu pai, nas endemias rurais típicas daquela época, tive-as quase todas, catapora, sarampo, varicela, caxumba etc., junto às cáries que as folhas de goiaba insistiam em não combater. Escova de dentes? Só mais tarde. Meu pai sempre a embalar, contando histórias, como que na falta de antitérmicos a querer “enganar” a febre, que insistia em não me deixar. Algodão no ouvido, alho quente no azeite de mamona, comprimido no “buraco” do dente, mas sempre a embalar. Sempre a filhinha querida do papai e a confiança era tanta que a dor que ia passar, passava. Quem sabe por insistência do carinho.

Padres, Benzedeadas, Nossas Senhoras do Rosário, da Cabeça, candomblé e outros d’África conviviam nas mentes e corações daquela gente, e por lição também na minha. Raízes.

Até hoje as histórias, os momentos vividos ao pé do fogo, de fogueira ou fogão, nas noites frias ou não, permanecem: os casos de “assombrações”, as aventuras diárias, o cascavel enorme, a onça que comia os “potrinhos” no curral, as crendices, tudo que estanhavam nossos medos... Aí a técnica não ensinada, de narração era tão precisa que fazia de cada ouvinte mais um contador de causos. No tempo em que os bichos falavam e nos traziam ensinamentos, fábulas “de cá”, como se dizia.

Nós e a natureza. Vivíamos tão naturalmente, que um cuidava e o outro como que agradecendo oferecia animais, raízes para nos alimentar. Parecia que os animais domésticos brincavam de “esconde-esconde”, esperando seu fim, que era o nobre de alimentar. Meu pai não precisou de nenhum estudo para ser radicalmente contra a caça. Era natural. Como ele.

Frangos, porcos, patos, servidos em momentos especiais, pareciam fazer do sacrifício destes um ritual que se justificava. Sem crueldade, virava um jogo de titititiiiiiiii! Cocoricor! Onde o tento era o milho, o prêmio um bom frango ao molho pardo, com angu à mineira e orapronobis, que era pra “fortificar”, nunca sem antes orar: “*SENHOR DAÍ PÃO A QUEM TEM FOME E FOME DE JUSTIÇA A QUEM TEM PÃO*”.

Levando a vida a brincar, naquele espaço, como num imenso Ateneu aprendi Ciências Humanas, Geografia, Matemáticas etc.

Aulas que não tinham horas para começar e nem terminar. Lições entremeadas de recreio. Aprendi de forma simples que a vida é assim, “é cuidar que se ganha em se perder.”, onde dois e dois talvez sejam quatro e ou muito mais.

O amor? Ah! Como singularizá-lo ou classificá-lo neste mundo só feito de. Muito antes dos hormônios saltarem sobre mim, eram observados entre todas as coisas. Educação sexual.

O maracujá que precisava de outro, o mamão “macho” que não servia para nada, o cavalo “inteiro” reinando a sua nobreza do “procriar”, a “bezerrinha fêmea”, festejada ao nascer – prenúncio de boiada. O cio da cadela – gotas a mim estranhas – mas sabendo vida. Tudo girando, gerando; inclusive a “sementinha” que a cegonha tirou do papai e levou para a mamãe – eu.

O mugir diferente do boi “correndo” as vacas. Lição sem fim..

“Ainda me lembro”. Dois pra duzentas. Sim! Duzentas vacas e os dois ainda brigavam. À noite a coisa ficava feia. Simental e Boi Zebu, assim eram chamados. Meu pai tinha o cuidado em deixá-los “a pastos” de distância. Ainda assim reclamavam.

Boi Zebu mugia.

Simental respondia.

Boi Zebu mugia mais alto, ofegante!

Simental respondia arrastando as patas, levantando poeira.

O som vinha de longe, e daí a pouco mais próximo, e mais e mais. Sabia meu pai amanhã cerca para consertar. Os bois se implicavam e mugiam e... Arrebentavam cercas no afã de se encontrarem para disputar o curral.

Com cuidado meu pai os colocavam para “cruzar” com as vacas, separadamente. Cada período um. Poupava-os, usando-os um por vez.

Na escuridão da noite, já todos deitados, lamparinas apagadas, ouvia meu pai dizer para minha mãe:

- *Esta noite vai ter “frege”.*

Da minha caminha, com os olhos arregalados em meio àquela escuridão, eu pergunto:

- *Pai, o que é isto?*

- *É o boi Zebu brigando com o Simental*

- *Dizia-me ele.*

- *Por que eles brigam pai?*

- *Ciúme, minha filha.*

- *Mas pai, tem tantas vacas...*

- *Eles querem defender o “curral” deles.*

- *Mas pai...*

- *Vá dormir menina!*

E ao som do mugir, do piar das corujas, das galinhas no poleiro ao lado do meu quarto, os morcegos que cambaleantes davam seus vôos rasantes, eu dormia.

E sonhava. Como se possível. Diante a tanta realidade vivida e experienciada, ainda havia sonhos a sonhar. E havia!

Então já com sete anos, bem vividos, velha até para me aprontar sozinha começo a freqüentar a Escola Rural. Sem soletrar e conhecer nenhuma letra já era uma leitora. Leitora de mundo! Os olhos continuavam vivos e espertos. Vontade de decifrar letras, magia esta ainda não experienciada.

## A Escola e suas aventuras

Ir à Escola! Que aventura! Já no Natal o assunto era este.

Os presentes? Pasta, caderno, lápis... Que ansiedade!

Uma caixa de lápis de cor com seis lápis. Curioso: sempre sobrava o lápis branco sem usar. Não entendia bem a utilidade dele – talvez não coubesse num mundo tão colorido. Aquele material era guardado envolto num misto de cuidado e respeito. Era para ser usado em um momento muito importante: o início das aulas.

Brincar de escolinha até então se resumia a um pedaço de carvão. Nosso giz era um pedaço de carvão. Escrevíamos nas paredes, nas “porteiras” dos currais, brincando de ser professor.

Fazíamos do quintal a nossa sala de aula. Nascia aí, talvez, a minha concepção de Escola Viva. Nesta imensidão que era o quintal onde galinhas, pintinhos, patinhos, porquinhos, marrequinhos, perus, pavõezinhos, passarada, flores, frutas diferentemente do que seria me apresentado nos livros, eram personagens vivos desta página.

Os filhos dos agregados, com idades próximas, eram os alunos. Eu, sempre a professora! Mesmo sem saber tinha muito a ensinar. O meu universo, querendo ou não, era maior que o deles.

- *Menina, conte pra comadre, o que vai ser quando crescer.* Instigava minha mãe.

- *Vou ser professora.* Respondia orgulhosa. E orgulhosa também ficava ela quanto à minha precoce escolha. Ser professora para mim e a todos a minha volta era muito especial. Sagrado até.

Professora, dona do saber, distinta, elegante, bonita, educada, polida...

Era a profissão mais importante! E eu queria ser professora.

Lembro-me ainda da postura que assumia ao ministrar aulas aos meus alunos imaginários. Postava-me com ar de seriedade diante de meus discípulos. E neste brincar eu aprendia e ensinava. Neste quintal, sala grande e viva, eu vivenciava esta importância, pois, como professora naquele momento, era também tratada pelos meus colegas/alunos de uma forma distinta e

especial. No brincar, nas entrelinhas, via ali, na brincadeira velada, o respeito que eles tinham pela figura do professor. Era tratada, naquele momento com muita cerimônia.

- *O a – ru – bu* ---- Lia para mim o Expedito, o Ditinho. Filho de um agregado de meu pai.

E eu muito sabedora fazia-o repetir:

- *Não é arubu, Ditinho, repete comigo: u – ru – bu.*

E ele, com os olhos ávidos de saber, repetia agradecido:

- *U – ru – bu* e felizes continuávamos a aula.

Horas inteiras a brincar. Brincar de escolinha.

Início das aulas. Eis que chega o grande momento! Quanta expectativa! Quanta importância!

A escola era uma casinha de sapé: dois cômodos.

A parede de adobe, o chão de terra batida. Um banco comprido de madeira feito à enxó onde sentavam os alunos um ao lado do outro. E outro banco mais alto. Fixo ao chão para apoiar os cadernos.

Uma lousa pequenininha. Um fogão a lenha em um canto. No outro uma cabaça de água com uma caneca dependurada. Uma casinha simples, mas com uma aura especial: Sagrada como um templo.

Antes do início das aulas reuníamos todos; alunos, professor e familiares para arrumar aquele espaço. Os homens cuidavam do quintal. Carpiam.

As mulheres e crianças varriam; vassouras feitas de ramo de alecrim, colhidas por nós na vinda para o mutirão. Crianças preparando barro para barrear as paredes e o chão. Estrume de gado para dar liga e isolamento térmico juntamente com cinza de borralho e tabatinga – tudo muito bem sovado a várias mãos. Mãos de mães, de crianças...

A um canto uma mesinha pobre devidamente enfeitada com flores do campo que era para dar as boas vindas à professora e penso eu hoje para destacar com importância o espaço que ela ocuparia.

A alegria dos pais em participar da feitura desse local sagrado: A Escola. Tenho ainda hoje nas minhas retinas guardados, semblantes felizes daquelas pessoas, tantas delas analfabetas, que tanto valorizavam o Saber.

Neste espaço vivi e convivi por três anos. Ali fiz o primário. A professora, leiga, Dona Aparecida, tinha no olhar a meiguice. Aprender era um prazer. Ir à escola uma aventura. Dona Aparecida atendia-nos a todos, individualmente. Sabia e conhecia nossa rotina.

- *Sua mãe melhorou?*

*E o seu pai, conseguiu resolver aquele negócio?*

*Sua mãe fez o chá para gripe? E naquela intimidade fomos aprendendo o be-a-bá.*

Nunca presenciei, neste período, nenhuma desconsideração dos alunos com relação à professora, à escola ou aos colegas. Freqüentar a escola era muito mais que aprender.

A hora do lanche era prazerosa, muito especial. De casa trazíamos enrolados em paninhos, biscoitos, bolos, carnes, tudo feito em forno e fogão à lenha. Neste momento tudo era piquenique. Um provava o do outro. Não se percebia ali diferença econômica, pois tudo era colocado à mesa e todos saboreavam juntamente sem a preocupação de quem trouxe o quê. Nosso “refri” era uma boa limonada feita com limão-china com uma pitada de bicarbonato que era para dar aquela fervura que soltava bolhinhas em nosso nariz. Ah! E o bom leite gordo com café... Sabores estes nunca esquecidos. Muito queijo e goiabada cascão. Farofa de frango... Hummmmmm! Que delícia! Tudo isso, mas não sem antes agradecer ao Papai do Céu pelo alimento que tínhamos.

Não havia campainha. O sol era nosso relógio.

- *Vamos merendar.* Dizia a professora, acredito eu, quando não mais resistia àqueles cheiros que exalavam de nossos bornais. Ela também merendava conosco e voltava pra casa cheia de pratinhos:

- *A mãe mandou para a senhora.* Dizia orgulhoso alguém trazendo um pedaço de carne de porco, de bolo, de biscoito etc.

O recreio era um momento mágico. Ela ensinava brincadeiras encantadoras. Pique, esconde-esconde, peteca (feitas por nós com palha de milho e pena de galinha), chicotinho queimado, cabra-cega, passar anel. Cantar, brincar de roda, contar e ouvir histórias. O recreio não era ausência de aulas, ao contrário, era uma aula descontraída, como se fizesse parte também o ensinar/aprender a brincar. Ali se exercitavam os músculos, as gentilezas, a civilidade, o respeito mútuo, a oralidade. Cada um à sua maneira no brincar deixava fluir suas habilidades.

Depois de cansados voltávamos à sala de aula para não descansar continuar a aprender. Tirar um “cochilo” ouvindo histórias lindas: Saci-Pererê, mula-sem-cabeça, lenda da lara, vitória régia, guerras, inconfidências, revoltas, batalhas, conquistas, histórias do Brasil e de outras terras etc. Hoje eu sei que naquele momento estávamos aprendendo cultura geral.

Hora de ir embora. Precisava ser comunicado, pois estar ali era tão bom que nem percebíamos o término da aula.

Voltar para casa correndo entre os campos, subir em árvores, colher frutos, fugir das vacas de bezerros novos --- neste período as vacas ficam bravas --- correr e correr. E se chovesse tomar a chuva, brincar na enxurrada, sem medo de ser feliz.

Gripe? Nada que um chá de folha de laranja não curasse. Assim passei de criança a adolescente e aprendi.

Aprendi muito. Foi o período mais rico em aprendizagem vivenciado por mim. Esta experiência escolar feliz tem reflexos na professora que hoje sou. E se estou aqui a escrever estas memórias eu devo à querida Dona Aparecida, que além de ensinar-me as letras, a virtude de reconhecer e valorizar a importância desta fase em minha vida.

Meus colegas, meninos com a mesma idade, já tiravam leite, faziam queijo, “apartavam” vacas e nós meninas também já sabíamos cozinhar, lavar roupa, fazer sabão de soda. Verdadeiras “donas de casa”. Aos olhares dos compadres “casamenteiros” já éramos “bons partidos”. Muitas vezes era até assunto entre os adultos.

E nós a brincar.

- *Já sabe ler, escrever. Diga aqui minha filha, a poesia do Fagundes Varela* – e eu dizia graciosamente. Com a maior inocência, declamava, deixando-o orgulhoso.

- Já é dona de casa – dizia meu pai.

Quero ressaltar que era sempre convidada a “exibir”. Sempre com muito elogio. Cantava, recitava, ajudava a fazer contas, anotações, compras etc. Participava do cotidiano e aquele olhar de orgulho de meu pai eu nunca esquecerei. Também acho importante registrar que nosso pai foi extremamente carinhoso. Eu vivia no colo. A cama dele vivia cheia com os filhos e no escuro ele contava histórias de assombração. Declamava poesias. Ouvia o rádio e conversava conosco sobre o momento político, a economia. O bezerrinho que nasceu, o touro que comprou para melhorar o rebanho etc.

Recitava:

- *Eras na vida a pomba predileta. Varou-te pomba, a flecha do destino.*

Entre tantos, gosto de lembrar os momentos poéticos. Comovia-me.

- *Canta, canta meu surrão senão te enfio o facão*; desta história lembro o pavor que me causava o homem do saco, que roubava crianças.

Meus pais mantinham uma casa na cidade para os meus irmãos mais velhos prosseguirem os estudos. (Depois de feito o primário, curso oferecido nesta escola rural, íamos continuar os estudos.)

E assim chegou o momento de mudar-me para a cidade. Continuar os estudos, Privilégio de poucos na minha região. Deixar minhas coleguinhas, minha roça... Era um misto de emoções: tristeza, medo. Orgulho de “ser grande” o bastante para morar longe de minha mãe.

Minha mãe me matriculou em uma escola estadual da cidade. Considerada a melhor e por isso difícil de encontrar vagas. Faria o ginásio. Muitas novidades! Menina da “roça” na cidade. Minha mãe ficava a maior parte conosco, tinha que “cuidar das moças” dizia ela.

Não senti dificuldades com relação a acompanhar o ensino da cidade. Os professores parecem que entendendo as deficiências das escolas rurais, dispndiam toda atenção a nós. Éramos muitos! A região era

predominantemente agropecuária e a maioria morava em fazendas e mandava os filhos para estudar.

Logo já era mocinha da cidade. Novas amiguinhas, novos interesses. A escola era muito boa. Exigente. E, acredito eu, por ter tido uma infância tão rica em aprendizagens, experiências fui vencendo todos os obstáculos. Participava de desfiles, peças de teatro, esportes, trabalhos em grupo, olimpíada, igreja etc. O meu dia era totalmente ocupado pelas atividades oferecidas pela escola. Eu participei de todas. Desde as mais inocentes até ser Secretária do Grêmio Estudantil. Participar destes movimentos era o máximo de subversão. Não impedido, mas não visto com bons olhos por meus pais. Afinal, vivíamos na ditadura.

*- Esta menina é inclinada a política – dizia meu pai.*

Já não pensava mais em ser professora. Agora queria ser advogada. Cheia de mim. Segura dos meus ideais me via a frente de movimentos, defensora dos oprimidos. Exercitei bastante este espírito no grêmio estudantil, nos movimentos muitas vezes encabeçados por mim. Sempre com facilidade para me expressar-me, era escolhida para apresentar os trabalhos feitos em grupo, discursar nas assembléias etc.

Fui oradora em todas as conclusões dos cursos: quarta-série primária, até a Faculdade.

Juventude muito ativa e bonitinha que era também tive muitos fãs.

Cursei o ensino médio; científico e técnico em contabilidade. Um feito de manhã e outro a noite. Já tinha namorado “firme”. Junto às escolas fazia meu enxoval. Aula de costura, bordado.

## **Contando histórias com os alunos**

No Estado trabalhei entre outras, na Escola Moacyr de Campos, situada no Bairro São Quirino. A clientela era toda de lá. Lecionava em todas as séries do Ensino Médio.. Estas aulas eram “recheadas” de poesias, leituras, músicas, textos, crônicas etc. Os alunos, rebeldes até, acalmavam, quando desesperada pela indisciplina eu começava a declamar. Aquelas mesmas que declamava para meu pai; Drummond, Vinícius, Varella etc. ou outras vezes que começava a contar histórias; aquelas que eu ouvia lá na roça. Eles adoravam.

Começavam a contar das suas vidas também e como num passe de mágica tornavam-se meus.

- Dona, conta mais aquelas histórias de quando a senhora era pequena... Muitas vezes eram-me solicitadas. Seria a história dos pais deles? Deles? Dos avós? O fato é que foram muitas e muitas vezes que barganhava com eles.

- Vamos terminar rápido a matéria Programada para hoje que eu conto – dizia eu feliz por ter conseguido um canal de diálogo.

Nestas várias experiências no magistério, lecionei em todas as séries do fundamental ao médio, sempre encontrei alunos que diziam: - *eu odeio português, eu odeio ler, eu não gosto de redação...* Meu Deus! Como fazer? Todo início de ano, a mesma coisa. Alunos novos com os mesmos “ódios”. Eu sempre apreensiva para ver se com aquela turma também o meu método daria certo. É. Continua dando certo. Muitos alunos eu encontro por aí, já formados. Vêm até mim, apresentam maridos, esposas, filhos e dizem:

- A senhora continua contando a história de Iracema? Dona, nunca esqueci a poesia “Cântico do Calvário”.

“--Ainda me lembro da voz dela... Dizem se dirigindo a seus pares ou filhos. Certa vez, lecionava na Escola Estadual Luís Galhardo, logo depois do intervalo, à noite, quando me dirigia à sala de aula, passo ao lado de uma escada. Instintivamente, olho para cima. E num cruzar de olhar eis que sou reconhecida por Saulo. Ex-aluno, indisciplinado, lá do Moacyr de Camargo. Ele imediatamente desceu da escada e abraçou-me:

- Dona, a senhora por aqui? Perguntou-me, feliz.

- Sim mudei de escola, expliquei-lhe.

- Dona, sou pedreiro. Estou fazendo a reforma aqui desta escola. Peguei por empreitada, por isso trabalho até tarde da noite. Mas, Dona, não esqueci Florbela Espanca. Sempre vou a algum sebo comprar livros com poesias dela. Adoro ler.

Ocorreu que Saulo era um aluno muito indisciplinado. Temido por todos os professores. Além de tudo era violento. Em defasagem idade/série, várias vezes reprovado. Era mais um daqueles que é melhor “empurrar” para ficar

livre. Terceiro ano do ensino médio, eis que encontro Saulo em minha jornada. Só o conhecia pela fama e atrevido que era. Mesmo sem ser meu aluno já o tinha repreendido algumas vezes nos anos anteriores. Ele não tinha limites. Ai, ai... O que fazer? Nos primeiros dias de aula, teste e mais teste. Ele tentava me desestruturar e deixava-me irritadíssima. Eu era sua “próxima vítima”. Os outros alunos observavam. Parecia-me que queriam ver até onde eu agüentaria. Já no meu limite, depois de muito agüentar, levei-o à diretora e comuniquei-lhe o que já lhe era familiar: impossível trabalhar com Saulo em sala de aula. Perdi as “estribeiras” e falei, gesticulei, chorei e ele com aquela carinha de quem venceu. Parecia-lhe um prazer -- Essa demorou, mas eu consegui! Essa era a expressão em seu rosto. Dirigi-me à diretora:

A partir de hoje, Saulo vai assistir às minhas aulas em silêncio completo. Não vai fazer nada! Copiar, ler, nada! Mas não respondo por mim se ele fizer uma “coisinha assim”! Ele olhou-me estupefato. Como aquela professora tão meiga, poeta poderia transformar-se numa leoa?!

A diretora interferiu, mandou-me para sala. Saí. Dei alguns passos e voltei.

- Venha comigo! Disse a Saulo. Venha imediatamente!

E ele veio. Calado.

Hoje penso no risco que corri. Ele era um rapaz de 19 anos e violento!

Chegando à sala, entrei com ele e disse-lhe para assentar. Os alunos, antes em algazarra, agora assustados. Calados! E calado também Saulo! Eu continuei a aula com expressão triste e cansada. Sai da sala logo após o término e alguns alunos vieram prestar-me solidariedade. Voltar àquela sala no próximo dia parecia-me um tormento. Mas tinha que voltar. Eram as “agruras” da profissão. Que fazer? Voltei. E como, no ensino médio, temos cinco aulas de Português, quase todos os dias tinha aula naquela sala. Eu entrava. Cumprimentava a todos e começava a aula. Saulo levanta-se com barulho, guarda todo material e senta-se, como que:

- Você cumpre o que prometeu. Ele não faria nada em minhas aulas.

- E eu, não “aprontarei”.

Realmente, durante todo ano ele não escreveu nem uma linha. Mas eu o percebia, muitas vezes ouvindo e parece que gostando. E eu também não me dirigia a ele. Complicado, mas foi o meio...

Ao final do ano costumo passar um trabalho para os alunos. Chamo-o "trabalhão" porque dá mesmo muito trabalho e considero-o, valorizo-o muito. Não só vale muito para aqueles que tem média para serem aprovados, como para recuperar notas aqueles que estão "a perigo".

Ofereço toda condição necessária para o trabalho ser executado/realizado. Mas ele tem que sair. Fico totalmente a disposição para ajudá-los a realizar o que foi programado. Inclusive com dinheiro. A sala é dividida em grupos. Os alunos fazem o projeto e vamos executar. Nada pode ser empecilho, pois todo problema que surgir e que estiver além da condição deles eu ajudo a viabilizar. Empréstimo de carro, roupa, sapato, enfeites etc. Não oferecerei nada, mas atenderei a todos os pedidos. Se não sair é porque "o grupo" não se empenhou. Vale convidar pessoas de fora da escola, familiar, música, show, teatro..... Tudo. Até colar. Desde que seja com criatividade. Uma vez a aluna levou o namorado que ia dando dicas durante a apresentação. Desde que seja para realizar com seriedade. No princípio ficam apavorados, mas à medida que a "coisa" vai tomando forma eles vão se acalmando e realizam trabalhos maravilhosos. Uma vez emprestei o carro para o pai de um aluno buscar uma pedra gigante num rio próximo a Campinas, para colocar na porta da sala. O trabalho era sobre Drummond "tinha uma pedra no meio do caminho..."

## **Florbela Espanca e a pedra do meu caminho**

Mas a minha "pedra", o Saulo, estava lá. Vendido em meio, aquela confusão. Entusiasmo! Euforia! Este era o clima em sala, quando eu sento ao seu lado e digo-lhe:

*- Não quero reprová-lo! Não tenho nada que possa avaliá-lo e não temos outra saída. Faça o trabalho! Assim eu terei como justificar sua aprovação.*

Ele guturou:

*- Nem um grupo me aceita e eu não vou fazer sozinho....*

*- Nada disso. Respondi-lhe.*

*Vou colocá-lo em um grupo e o ajudarei. Fará sua parte e deixará os colegas boquiaberto.*

*Topa?*

*- Topo. Disse-me resoluto.*

Eu lhe disse que o ajudaria a executar, qualquer que fosse a parte dele e ele abriu um sorriso ---- no olhar.

Conversei, em particular, com o grupo que eu acreditava ele ser melhor aceito. O tema deste trabalho era apresentar-nos Florbela Espanca.. Argumentaram. Disseram que ele atrapalharia o grupo. Que seriam prejudicados pela presença dele e falaram e falaram...

Eu também, argumentava. Usei um pouco de chantagem emocional, disse-lhes da minha responsabilidade/dificuldade em apresentar resultados com ele. Apelei pelo lado humano, os jovens neste período são muito exigentes entre eles. Usei um pouco de autoridade dizendo-lhes que não admitiria exclusão. Ah! Consegui.

Responsabilizei-me perante o grupo de que ele faria a parte que lhe coubesse e que caso não correspondesse o grupo não seria prejudicado. Fiz também que me prometessem ajudar-me quanto a aceitação dele. Eles o procurariam e o ocupariam.

Procurei Saulo e disse-lhe do grupo. Que ele deveria procurá-los e oferecer-se a participar e ajudar.

*- Eu não conheço esta mulher! Referia-se ele à poetisa tema do trabalho. Eu não tenho material! Eu não sei fazer.....!*

Olhava para ele feliz e dizia:

*- Você pode pedir-me e a outros para ajudá-lo. Tenho um bom material sobre Florbela. Nunca emprestei para ninguém. Empréstaria a você se você quiser. Quer?*

*- Quero! Disse-me, querendo seco.*

*- Você teria disponibilidade para ir a minha casa? Perguntei-lhe. Tenho um material muito bom. Poderíamos olhar e traçar um caminho.*

Ele olhou-me entorpecido

- *Na sua casa?*

- *Sim!* Respondi-lhe. *Por que não?* Sem esperar a resposta afastei-me.

- *E se eu não gostar desta Florbela?* Disse, acompanhando-me.

Parei. Olhei-o e propus:

- Vamos fazer um acordo. Empréstimo-lhe o material, você lê por uma semana. Se realmente você ler e não gostar, explicar-me o porquê de não ter gostado, prometo-lhe que não exigirei mais nada. Concorda? Empréstarei. Você será honesto, dará uma olhada. Ao final de uma semana, conversamos. Você dirá:

- Gostei. Vou fazer ou não gostei. Não vou fazer.

Preparo-lhe um trabalho de recuperação, você faz em casa como quiser e não falamos mais nisso. Tudo bem? Que horas poderia ir a minha casa? Perguntei-lhe antes que respondesse. Temia a resposta.

Marcamos e ele compareceu, pontualmente.

Legítima em minha mineiridade esperei-o com a mesa farta; pão de queijo, bolo de fubá, café, refrigerante, frutas, leite.... Já havia preparado também meu filho para ajudar-me na recepção. Meu filho foi especialmente importante. Com a mesma idade e já fazendo faculdade começou a conversar. Pôs-se pronto a ajudá-lo. Conversaram sobre times de futebol. Sentou-se a mesa conosco. Ligou o computador e começou a imprimir material.

Eu, por minha vez comecei, entre café, refrigerante, pão de queijo.....a falar sobre a poetisa. Sutilmente precisava seduzi-lo. Desperta-lhe o gosto pela vida e a poesia dela. Meu filho disse-me mais tarde que a Globo perdia uma atriz, tal o teatro montado. Escolheu um livro que lhe parecia melhor e as folhas impressas por meu filho e lá se foi. Parecia-me feliz. E de "quebra" levou alguns pães de queijo para casa.

- Estas "bolinhas" de queijo são muito gostosas..... Dizia-me ele, elogioso e feliz.

Em sala não toquei, com ele, mais no assunto. Uma semana depois procurou-me e disse querer fazer o trabalho. Mas 'custoso' que era, lamuriava:

- *Não vou conseguir fazer; muita coisa para ler, fazer. Não sei por onde começar, não vai dar tempo.....*

Acalmei-o dizendo-lhe ainda faltarem dois meses para a apresentação.

Ele achou interessante surpreender os colegas realizando um bom trabalho. Ele daria um show.

Comecei a levar-lhe material. Sugeri-lhe a Biblioteca Municipal. Ele nunca havia estado lá. Alguém do grupo ofereceu-se a acompanhá-lo. Ele não quis. E a surpresa?

Depois me disse ter ido e gostado.

- *É "massa, dona!*

Conversei com a diretora e sendo ela da área também tinha material a oferecer e o ofereceu. Os professores de outras matérias diziam-me que ele passava as aulas lendo.

- *Trabalho de português. Dizia.*

Chegou a conversar sobre as poesias com alguns professores. Estes, também em "polvorosa" para avaliá-lo. Implorei-lhes que exigissem pouco dele. Temia o excesso e a fragilidade da situação. Expliquei-lhes do "engajamento" e poderíamos todos avaliá-lo pelo trabalho de português.

Acreditem! Ele já sabia mais sobre Florbela do que eu. E vinha conversar comigo e contava, contava. Dizia-lhe, sinceramente, não saber disso ou daquilo e logo ele chegava com novidades:

- *Dona, a senhora sabia....?????*

A diretora, impressionada, resolveu ajudá-lo. Não cobraria mais o xerox que ele faria dos materiais emprestados de outras pessoas. Conteí esta história para uma professora de literatura, talvez uma das maiores especialista em Literatura Portuguesa, e ela convidou-o a sua casa. Além de empréstimo de material deu-lhe uma bela aula de Literatura Portuguesa.

Pronto! Estava preparado para o grande dia. O trabalho seria apresentado para todos os terceiros anos. Uma semana antes eu havia comprado um livro de Florbela. Livro volumoso. Mais ou menos 500 páginas.

Brinquei com ele:

- Dentro deste livro tem uma poesia que sou eu. Se você descobrir qual é lhe darei um presente.

Ele sorriu e disse-me, agora não mais carrancudo:

- *Dona, não brinca...! Se eu descobrir o que ganho?*

- *Uma camisa*, respondi-lhe.

Não se falou mais nisso.

Chegou o dia.

Os colegas de grupo estavam entusiasmados. Saulo levou material para o grupo. Ajudou a confeccionar cartazes... O grupo estava seguro de ser o melhor.

Cada grupo estava melhor que o outro.

Que lindo! Eu emocionava-me a cada apresentação. Eles se superavam.

Saulo inquieto. Temia errar.

- E se eu não conseguir falar, dona. Dizia-me ele. Eu respondia que ele conseguiria.

A nota dez ele já tinha, explicava-lhe. O trabalho já foi feito. Apresentar o trabalho é uma formalidade, além de provar a si mesmo que é capaz.

Começaram a apresentar.

O encerramento ficou a cargo de Saulo.

Decoraram a sala como um jardim. Trouxemos vasos de flores. Eu levei cadeiras bonitas e a sala transformou-se num ambiente para sarau. Uma aluna vestiu-se, penteou-se de Florbela. Outras vestidas com roupas de época. Os alunos alugaram "smokings". Saulo não. Iria com sua roupa de "heavy metal".

Saulo liderava o grupo. Primeiro você, agora é a sua vez. Os colegas obedeciam orgulhosos e seguros que estavam sob a sua direção.

- Nós vamos arrebentar – dizia orgulhoso que estava com a beleza deles e da sala. Eu havia separado o ambiente para a apresentação. A platéia era grande. Mais de 100 alunos dos outros terceiros anos. Uns apresentavam para os outros. Durante uma quinzena a escola virava uma "loucura". Trabalho de Português, diziam.

Eu a controlá-los e às funcionárias; "iradas" pelas coisas fora do lugar. Areia destinada a Praia de Copacabana para o grupo que trabalhava Vinícius. Pedra para Drummond. Fogão a lenha, em tamanho natural, feito a papelão para o grupo da poetisa mineira Adélia Prado. Redes, côcos, coqueiros em tamanho natural para os que trabalhariam os escritores nordestinos. Sacolas de roupas, maquiagens, sapatos.

Um "trabalhão".

Acordado estava que deixaríamos tudo em ordem logo após as apresentações, mas a euforia, a satisfação era tanta, que sempre "sobrava" alguma coisa a fazer. Tinha eu a missão de acalmar os funcionários e justificar a desordem.

Elas entendiam pouco. Eu fazia "vistas grossas".

Tudo foi caminhando bem.

Saulo deu um show. Uma verdadeira aula de literatura portuguesa. Quando terminou, lá do palco, olhando para mim disse:

- Dona! O presente está em "pé"?

Contou aos colegas sobre o livro e o desafio feito por mim. Eu lhe daria uma camisa. Fez-me confirmar.

Confirmei.

Ele, de "cor", começou a recitar. De coração mesmo. Com toda alma.

## Ódio

Florbela Espanca.

*Ódio por ele? Não... Se o amei tanto,  
Se tanto bem lhe quis no meu passado,  
Se o encontrei depois de o ter sonhado,  
Se à vida roubei todo o encanto...*

*Que importa se mentiu? E se hoje o pranto  
Turva o meu triste olhar, marmorizado,  
Olhar de monja, trágico, gelado  
Como um soturno e enorme Campo Santo!*

*Ah! Nunca mais amá-lo é já o bastante!  
Quero senti-lo doutra, bem distante,  
Como se fora meu, calma e serena!*

*Ódio seria em mim saudade infinda,  
Mágoa de o ter perdido, amor ainda.  
Ódio por ele? Não...não vale a pena...*

Florbela Espanca - Livro de Soror Saudade

Chorei.

Fui abraçada por todos e por ele.

Dizia-me que não precisava do presente, mas queria saber se acertara.

Eu continuava vendendo leite, queijo..... .misturado a giz, lousas, livros.....

Ele pedreiro. Casado e leitor. Leitor de poesias.

Contei o acontecido na sala dos professores. Uma disse-me com desdém:

- O que adiantou? Tanta "poesia" e ele tornou-se um pedreiro. Grande "vantagem"!

Sem forças para argumentar respondi-lhe que ele era um homem melhor.

Continuava a vida prestei concurso para efetivar-me também na Prefeitura de Campinas. Passei. Efetiva no Estado, Prefeitura e empresária. Fiz vários cursos pelo SEBRAE, participava de projetos nas bibliotecas do estado e da prefeitura. Trabalhei com vários projetos nas escolas da prefeitura, dentre eles destaco o projeto "Cultura de Paz". Com meus filhos criados, terminando a faculdade podia dedicar-me totalmente. Sábado e domingo tudo girava em torno de queijo, giz, leite, lousa, diários, planejamentos, redações, provas... Como tinha bons relacionamentos no mercado, sempre estava encaminhando pais, mães, alunos desempregados, para vagas de empregos. Contava a eles com alegria da minha jornada e eles admiravam. Continuava a sonhar e era feliz. Muitos projetos. De família numerosa de quando em vez, algum desastre, mas continuava. Nada me fazia parar. E feliz. Realizada. Encerrei as vendas, exonerei-me do cargo no estado, fiquei só com as aulas da prefeitura e vivendo de amor. Dedico-me totalmente às escolas.

Surgiu a oportunidade para fazer o curso Pesquisa e Tecnologia na Formação Docente pela UNICAMP.

UNICAMP... Sonho antigo. Matriculei-me e houve a oportunidade. Meio temerosa, achando-me desatualizada, enfrentei.

- Se não der conta, não faz mal – dizia-me. Com este meu jeito meio romântico-sonhadora de ser, comecei.

Conhecer Doutora Afira foi um dos melhores prazeres... Não só pela profissional, mas pelo exemplo. Sabê-la aposentada e tão engajada em Projetos, deixou-me maravilhada. Participei sob a coordenação dela de feiras culturais e admirei seu preparo físico, intelectual, administrativo... Quanta disposição! Invejo-a.

Outra pessoa, no curso, que me fez bem conviver foi a Professora Maria Aparecida Damin, para nós, a Cidinha. Empatia total. Envolveu-se conosco. Com aquele “jeitinho” particular de ser e viver trazia-nos textos, explicava, debatia e de uma maneira especial fazia-nos escrever.

- “Tirar leite de pedra” – eu dizia.

Mas ela consegue. Exemplo para mim de professora amorosa.

Professor Jorge, com simpatia, além da matéria, apresentava-nos a Instituição UNICAMP. As múltiplas possibilidades em usufruí-la.

Doutora Maria de Fátima já no segundo semestre do curso encontrou-me menos “tosca”. E foi também uma alegria conhecê-la. Permitia-nos contar o nosso cotidiano escolar. O que o professor mais gosta de fazer; falar sobre alunos, escola, projetos. Delícia de aulas! Tantos assuntos e nem víamos a aula passar. Como avaliação pediu-nos que relatássemos dois momentos/cotidianos.

Apresentei dois momentos “Escrevendo cartas” e “Caçar palavras, caçar histórias”.

Este ano, 2009, com cinco classes. Continuo contando histórias e declamando poesias. Agora não mais só para eles. Estar neste momento fazendo este curso pela UNICAMP, representa para mim a expressão máxima; aquela menininha, que nasceu nos rincões de Minas Gerais, está agora entre Professores Doutores, orgulhosamente contando e criticando seu trabalho.

# INTRODUÇÃO

O propósito deste trabalho foi avaliar em que medida a narração de histórias contribui para a formação dos jovens. Estudo de natureza qualitativa e quantitativa sobre a influência de versões originais e manipuladas de contos de fadas, lendas, fábulas, histórias escritas e orais, baseados em fatos verídicos ou não, na formação escolar e social dos jovens.

Aplicação de questionários para caracterização do perfil social e escolar dos alunos. Trabalho de registros dos alunos com atividade escolar e questionário de pós-leitura. Ênfase na formação de leitores críticos frente às ideologias e modelos presentes em qualquer tipo de texto. Registro descritivo das atividades e das evoluções, caso haja, após a experiência/vivência do exercício de trabalhar as histórias de várias modalidades. Em vista disto, como conteúdos procedimentais sugeriu-se a inserção de diferentes ações com intenção de viabilizar / integrar o acompanhamento do projeto / pesquisa.

Respeitando-se o contexto do aluno é compartilhada / socializada a “oferta” de material / texto em forma de teatro, música, poesia, texto oral ou escrito, textos considerados clássicos, filmes, documentários, seminários, incentivo a pesquisa e na exposição de seu conteúdo. Impossível diante da grande variedade de gêneros literários, acatar todos, mas privilegiando as opções do aluno e também os sugeridos pelo professor / pesquisador; variando em função da época (epopéia, cartoon), das culturas (haikai, cordel), das finalidades sociais (entreter, informar) , sempre levando em consideração “*a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaborados e abstratos, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem*” ( PCNs de Língua Portuguesa 1998, p.24).

A metodologia da investigação, esta sendo norteada pelos pressupostos da pesquisa ação, ancorada na reflexão e ação da pesquisadora e também dos

sujeitos da pesquisa, ao se apropriar da pesquisa como princípio educativo, num ciclo realidade – reflexão- realidade, onde:

O processo vai se construindo na reflexão sobre a ação e possibilita o desempenho das funções de pesquisador e pesquisado numa mesma pessoa. Logo, como protagonistas no campo curricular e profissional têm maiores condições para compreender e transformar os problemas emergentes na prática pedagógica no dia-a-dia de uma sala de aula e também com maior conhecimento das instituições, onde estas práticas se inserem, podendo assim contribuir para o conhecimento do saber profissional do professor, (DAMIN, 2004, p. 16).

A frase acima “podendo assim contribuir para o conhecimento do saber profissional do professor” reflete bem a necessidade de que professores teorizem sua prática partir legitimar o seu saber no contexto com as condições sociais do trabalho com a tecnologia.

A Coleta de dados e suas análises foram feitas a partir da observação e registro pelo pesquisador durante o todo o processo, atividades desenvolvidas pelos alunos, sobre cada etapa das atividades.

De acordo com os PCNs de Língua Portuguesa (1998) toda educação comprometida com o exercício da cidadania deve possibilitar ao educando o desenvolvimento de sua capacidade discursiva, desenvolvendo neste, uma capacidade mais apropriada de leitura e escrita, qual seja, elaborar textos, interpretá-los e conseguir estabelecer relações entre as informações recebidas e o conhecimento de mundo que tem. Além disso, deve propiciar ao aluno a oportunidade de lidar com as várias possibilidades lingüísticas, oral e escrita e dotar o educando da condição para diferenciá-las sem julgamento de valor, entendendo a importância das várias formas de discursos para uma melhor adequação social e profissional.

O processo de conhecimento envolve a relação com um Outro. A partir dessa relação podemos identificar semelhanças e diferenças, experiências, sentimentos, desejos etc. Ouvir, ler e contar histórias é uma forma de conexão com o outro em diferentes épocas, culturas, valores, regiões e sociedades que se misturam, proporcionando um conhecimento que abre novas vias de interação. Com isso, o jovem pode perceber seu lugar na sociedade em que vive, e, com base na reflexão das diversidades, pode-se construir como um agente da sua própria história. Diante dos argumentos apresentados pode-se afirmar que quando se trata de sujeitos e construção de identidade, numa perspectiva de ação dialógica é necessário provocar um retroceder no tempo

histórico. Para que nesse retroceder o leitor possa se perceber, segundo as condições históricas de cada época, que as pessoas se formam respondendo às questões de seu tempo de um determinado modo e de acordo com as vivências de seu grupo cultural. Assim, é necessário comparar as respostas dadas por outros povos, em outros tempos, com as respostas que são dadas em nosso tempo, encontrando o sentido e a história de nossas próprias respostas.

# Capítulo 1. A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS...

"O gosto de contar é idêntico ao de escrever e os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores.

O gosto de ouvir é como o gosto de ler.

Assim, as bibliotecas, antes de serem estas infinitas estantes, com vozes presas dentro dos livros, foram vivas e humanas, rumorosas, com gestos, canções, danças entremeadas às narrativas".

(Cecília Meirelles)

Na cultura ocidental, um dos maiores modelos de construção de história foi a *Iliada* e a *Odisséia* de Homero.

Alguns dizem que Homero nunca existiu e as aventuras de Ulisses não passaram de um conjunto de fragmentos de narrativas populares, compiladas por escribas. Outros afirmam que Homero era cego é que, portanto, jamais poderia ter escrito alguma linha. Acrescentam, então, que Homero ditava as histórias a um grupo de ouvintes e, hoje, graças a esse contador de histórias, temos duas grandes obras que permeiam o imaginário ocidental há séculos. Por isso a importância das narrativas -- sejam elas verdadeiras ou não -- na construção de uma identidade individual ou coletiva, se pensarmos em termos de identidade nacional.

O século XXI, ou o que chamamos de era pós-moderna para alguns, era digital, caracteriza-se pela velocidade de informações e pela compressão de um conceito tempo-espaco. O mundo virtual anulou distâncias e acelerou o tempo, privilegiando imagens, dados estatísticos e quantidade de informação em detrimento da reflexão crítica e do próprio conhecimento. Ora, como todos sabemos, a proliferação de imagens, pelos veículos de comunicação de massa, acaba colocando em segundo plano a construção de um texto -- desconstruindo palavras. Imagem é sensação. A superposição de imagens induz à alienação. Uma alienação que permite a formação de rebanhos passivos, preocupados apenas com seguir os padrões estabelecidos por aquilo que "Adorno" chamou de indústria cultural. -- um dos braços da nossa sociedade de controle. Essa massificação acaba produzindo uma perda de individualização, pois que ,compromete a construção da própria identidade.

Isso, aliado a uma cultura que determina prazos cada vez mais curtos, produz uma perda de referências, o que compromete, obviamente, a construção mesma de um caráter. E o mais paradoxal de todo esse processo: a cultura neoliberal prega a liberdade acima de tudo, perversamente nos faz crer que somos livres. No entanto, como afirmou "Adorno", "somos livres para escolher sempre as mesmas coisas". Neste contexto, nossos desejos não são nossos e até nossas fantasias vêm prontas para nós.

Nesse sentido hoje faz-se necessário, o resgate de narrativas que dêem conta de nossas tradições, valores e que, principalmente, sejam capazes de estabelecer referências no imaginário, do jovem pré-adolescente. Retomando a palavra -- oral ou escrita -- podemos estimular nestes jovens o imaginário, a reflexão crítica e a fantasia perdidos em prol da tecnologia. Também porque nós precisamos às vezes de um certo refúgio contra o tempo, queremos nos libertar, queremos ficar livres da pressão dos acontecimentos. Onde nós procuramos? Nós procuramos nas artes; são formas de transcender o imediato e o real e fugir a ele, nos elevando acima dele.

Sempre perguntam sobre o registro mais remoto das narrativas orais. Para usar um neologismo "Roseano", é "difícil" falar em registro quando tratamos de tradição oral, mas estudiosos consideram que contar histórias foi a primeira expressão de arte após o surgimento da linguagem articulada. Está gravada no inconsciente coletivo da Humanidade a imagem de nossos ancestrais ao redor do fogo, contando as aventuras do dia, repassando conhecimentos e experiências. Certo é que, desde tempos imemoriais, contamos histórias, hábito que, ao mesmo tempo, é arte, cultura, afeto e vida.

## 1.1. Caracterização dos alunos observados; cotidiano e pesquisa

Cabe mencionar algumas características relevantes para escolha das 5\*séries como colaboradores da pesquisa em questão.

De modo geral, esta fase da educação escolar compreende o início da adolescência. (...). Re-construção da identidade... Transformações corporais, cognitivas emocionais e socioculturais... Necessidades, reformulação de sua auto-imagem em contraposição àquela construída ao longo de sua trajetória. (...). Portanto, acreditando ser a faixa etária ideal para a pesquisa. A infância e a juventude como marco da transitoriedade para a vida adulta.

"O ser humano é ao mesmo tempo singular e múltiplo. Dissemos que todo ser humano, tal como ponto de um holograma, traz em si o cosmo. Devemos ver também que todo ser, mesmo aquele fechado na mais banal das vidas, constitui ele próprio um cosmo. Traz em si multiplicidades interiores, personalidades virtuais, uma infinidade de personalidades quiméricas... Cada qual tem em si galáxias de sonhos e fantasmas" (MORIN, 1993, p. 57).

Para Dr. Bruno Bettelheim, a criança necessita da magia. Magia esta que além de entreter e inspirar ordena seus conflitos interiores, facilita o entendimento e orienta-os para uma vida futura. Conseguindo significar e resignificar a criança aprende de forma prazerosa a conviver socialmente. A magia do herói... Os contos de Fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, pré-consciente e a inconsciente, em qualquer nível de funcionamento. Como falam ao "ego" em formação, encorajam o desenvolvimento, além de aliviar tensões e pressões conscientes ou não.

A partir da análise dos questionários distribuídos, foi possível traçar o perfil dos alunos participantes desse estudo no período de abril/2008 a dezembro/2008. Importante ressaltar o período devido às características das famílias no bairro. Natureza ambulante.

No que se refere a "apreciação" pela leitura, o gráfico mostra as porcentagens das respostas dos colaboradores às perguntas:

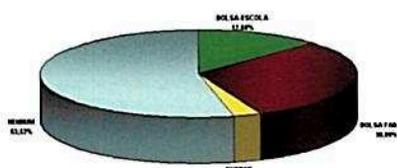
Você gosta de ler?

Você gosta de ouvir histórias ou gosta mais de lê-las?

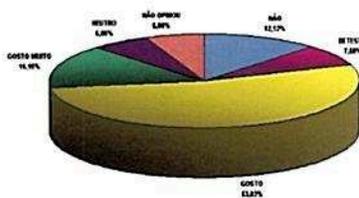
Você já ouviu histórias em sua família?

Alguém lê pra você? Etc.etc.

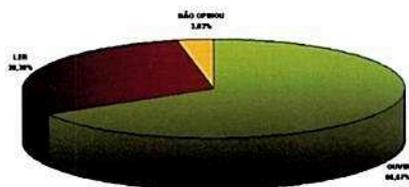
**QUE TIPO DE ASSISTÊNCIA FINANCEIRA DO GOVERNO SUA FAMÍLIA RECEBE?**



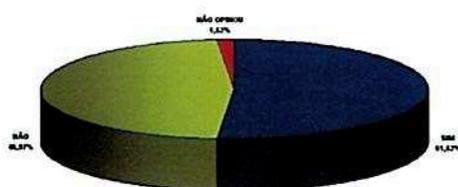
**VOCÊ GOSTA DE LER?**



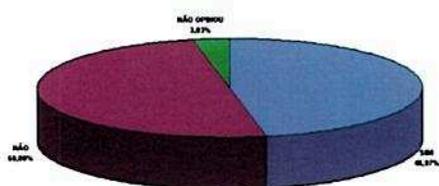
**VOCÊ GOSTA DE OUVIR HISTÓRIAS (ESTÓRIAS) OU LÊ-LAS?**



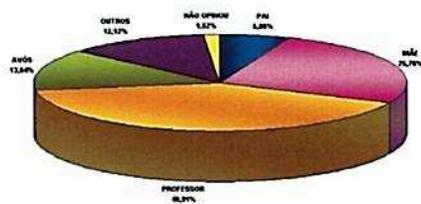
**VOCÊ OUVIU HISTÓRIA (ESTÓRIAS) NA SUA FAMÍLIA?**



**ALGUÉM LÊ HISTÓRIAS (ESTÓRIAS) PARA VOCÊ?**



**QUEM JÁ CONTOU HISTÓRIAS (ESTÓRIAS) PARA VOCÊ?**



**ONDE OUVIU MAIS HISTÓRIAS (ESTÓRIAS)?**



**VOCÊ LÊ (LIVROS) FORA DA ESCOLA?**

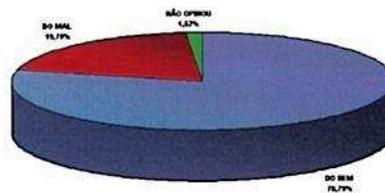


“(…) eu morava em Mato Grosso do Sul. Eu era muito curiosa e resolvi entrar em uma sala abandonada que tinha dentro da escola. Ficava sempre fechada. Eu encontrei uma porção de livros. Eu peguei um montão e levei para casa. Para eu ler, eu gostava de ler. Mas um dia eu vim para Campinas e minha casa era muito pequena e minha vó mandou eu jogar fora. Mas como eu gostava muito daqueles livros eu resolvi por em uma sacolinha e pus na lixeira para outras pessoas usar.” (Fabiana Tatiele 6º ano D)

VOCÊ GOSTA DE CONTO DE FADAS?

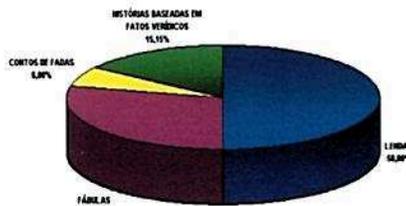
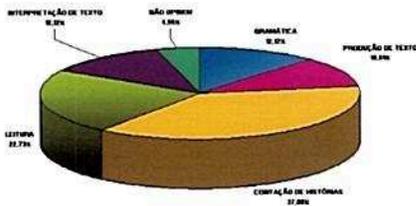


QUAL PERSONAGEM VOCÊ ACHA MAIS INTERESSANTE?

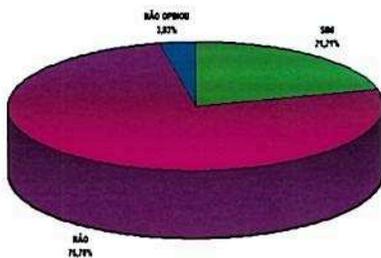


QUE ESTILO DE HISTÓRIAS VOCÊ MAIS GOSTA?

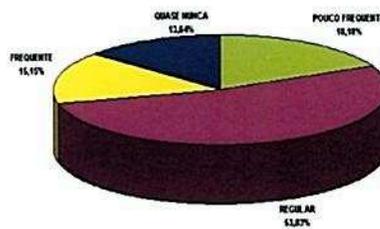
QUAL MOMENTO VOCÊ GOSTA DURANTE AS AULAS DE PORTUGUÊS?



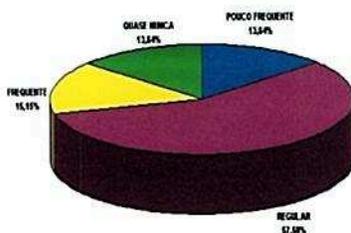
VOCÊ CONHECIA A HISTÓRIA DE CARLOS GOMES?



LEITURA NO ESPAÇO ESCOLAR



HÁBITO DE LEITURA



Já é sabido que as crianças e pré-adolescentes gostam de ler, como confirmam os gráficos. A questão é: Onde está o mistério que provoca o desgosto pela leitura nas séries subseqüentes?

– “*Eu odeio ler!*”, fala comum entre alunos de sétimas e oitavas séries

A escola pública é a maior instituição responsável pela formação do homem brasileiro e não pode fugir a seus fins primeiros que é viabilizar a cidadania de quem está nela e de quem vem a ela. Cidadania aí no mais amplo sentido da palavra. Construção da cidadania de quem usa seu espaço. Professor, aluno, família. Por isso ela precisa ser para todos, de todos e ser de qualidade.

Muito se diz sobre os graves problemas no desempenho escolar, principalmente no que se refere á leitura / produção de texto, enfrentadas pela maioria da população brasileira, o analfabeto funcional. A UNESCO define analfabeto funcional como toda pessoa que sabe escrever seu próprio nome, assim como ler e escrever frases simples, efetuar cálculos básicos, porém é incapaz de interpretar o que lê e de usar a leitura e a escrita em atividades cotidianas, impossibilitando seu desenvolvimento pessoal e profissional. Ou seja, o analfabeto funcional não consegue extrair o sentido das palavras, colocar idéias no papel por meio da escrita, nem fazer operações matemáticas mais elaboradas.

No Brasil, o índice de analfabetismo funcional é medido entre as pessoas com mais de 20 anos que não completaram quatro anos de estudo formal . O conceito, porém, varia de acordo com o país.

Segundo a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, mais de 960 milhões de adultos são analfabetos, sendo que mais de 1/3 dos adultos do mundo não têm acesso ao conhecimento impresso e às novas tecnologias que poderiam melhorar a qualidade de vida e ajudá-los a adaptar-se às mudanças sociais e culturais. De acordo com esta declaração, o analfabetismo funcional é um problema significativo em todos os países industrializados e em desenvolvimento.

No Brasil, 75% das pessoas entre 15 e 64 anos não conseguem ler, escrever e calcular plenamente. Esse número inclui os 68% considerados analfabetos funcionais e os 7% considerados analfabetos absolutos. Sem

qualquer habilidade de leitura ou escrita. Apenas um entre quatro brasileiros consegue ler, escrever e utilizar essas habilidades para continuar aprendendo. (Referência: INAF – Indicador de Analfabetismo Funcional) Andréa Cristina Sória Prieto Consultora Pedagógica em Matemática na Futurekids do Brasil. Este quadro se deve, entre outros fatores, à falta de motivação dos estudantes.

O espaço escolar contribui para a manutenção e a transformação social dos educandos. Em agosto de 2003, foi lançado, pelo Governo do Estado de São Paulo, o Programa Escola da Família, desenvolvido pela Secretaria de Estado da Educação. Sua proposta consiste na abertura das escolas públicas estaduais nos finais de semana, transformando-as em centros comunitários.

“O Programa é norteado por diretrizes que baseiam-se no conceito da relevância insubstituível da escola como provedora de coesão social e aprendizagem da vida em comunidade. Sua missão é colaborar na redução dos índices de violência no entorno escolar, além de inaugurar uma nova era nas relações da escola com a população de suas cidades, ampliando a bagagem cultural e consolidando valores morais e éticos”. (São Paulo em Síntese/Fontes: IBGE, 2001; UNESCO, 2003 e 2004; Escola da Família, 2004).

Neste ambiente está a escola. Sempre responsável. Com a assunção de todos os deveres que são do Estado. Do estado ausente que permite que outros atores preencham o espaço do poder. A Escola luta contra todas as dificuldades e carências que tentam impedir o exercício de sua nobre missão. A falta de bom funcionamento das áreas de lazer, de salas funcionais, de bibliotecas e tantas outras necessidades não podem nem devem ser imputadas aos gestores da escola. Quantos deles por serem responsáveis adoeceram. E o professorado sempre presente, sempre digno, sem nunca perder a ternura e a utopia, aponta para a possibilidade de um mundo solidário, ético e melhor!

A pesquisa revelou que muitas crianças e pais esperam, confiam na instituição: local de “ensino”.



É um dado relevante e revelador, pois, significa , simboliza que o Professor é a pessoa a quem os pais entregam seus filhos para serem cuidados e educados. Necessário é propor a esta mesma comunidade desafios que comecem nas salas de aulas e continuem em locais escolhidos como creches, asilos etc. Dispor educadores e educadoras que orientem grupos de educandos e educandas nos projetos propostos. Grêmio Estudantil. Preparação Pré-Vestibular que ajudem a obter um melhor desempenho no vestibular, ainda sob a égide do sistema meritocrático baseado na concorrência. Reciclagem, este um projeto de preservação e de orientação ambiental que atinge a natureza como um todo e, principalmente, as pessoas. Formação para a cidadania, orientação sobre os malefícios de todos os tipos de drogas, orientação sobre sexualidade, formação política, formação para a espiritualidade etc. Quanto à comunicação sublinho a importância das visitas. Desde as séries iniciais, é importante que se façam estudos do meio, em locais ou instituições onde se possa apresentar a necessidade que temos de exercer ou ajudar o outro a exercer a cidadania. Creche, APAEs ou redes de educação inclusiva. Estimular o trabalho com menores, com grupos de alfabetização, com moradores de rua, com deficientes visuais etc. Em Pedagogia do Oprimido Freire aprofunda nas características da ação dialógica: "a co-laboração", a união, a organização e a síntese cultural (1997, p.165). A coletividade.

De acordo com os PCNs de Língua Portuguesa (1998) toda educação comprometida com o exercício da cidadania deve possibilitar ao educando o desenvolvimento de sua capacidade discursiva, desenvolvendo neste, uma capacidade mais apropriada de leitura e escrita, qual seja, elaborar textos, interpretá-los e conseguir estabelecer relações entre as informações recebidas e o conhecimento de mundo que tem. Além disso, deve propiciar ao aluno a oportunidade de lidar com as várias possibilidades lingüísticas, oral e escrita e dotar o educando da condição para diferenciá-las sem julgamento de valor, entendendo a importância das várias formas de discursos para uma melhor adequação social e profissional.



Quanto ao uso “arte” da palavra / possibilidade trago Luiz Otávio Savassi  
ROCHA ao referir-se às obras de Guimarães Rosa:

“(...) queria uma linguagem fabulosamente em movimento, fabril, incoagulável, velozmente evolutiva, como se estivesse em estado nascente, apta avante, revoltosa.” (João Guimarães Rosa, p.44). “Não se encontra ali a língua estabelecida, utilizada pela maioria dos escritores, variando segundo o estilo de cada um e aplicada, de fora para dentro, aos conteúdos, aos enredos ou às mensagens que se propõem... a linguagem se articula de dentro para fora, recriando-se a partir da realidade mesma que serve de objeto à prosa de ficção: a forma nasce do próprio conteúdo, um e outro se fundindo na mesma e nova realidade, isomórficamente. A resultante não é a reprodução mimética das falas (...) é a estilização das constantes peculiaridades daquelas falas numa nova totalidade lingüística”. (ROCHA, 1981, p. 45).

Sendo os alunos colaboradores até então totalmente desconhecidos do professor pesquisador, além dos questionários para caracterizar a população escolar (social) foi passado um exercício xerografado onde se diagnosticasse a capacidade de decodificação, leitura, escrita e produção de texto. A título de futuras análises foram arquivados alguns exercícios; com diagnóstico desejável e alguns considerados abaixo do desejável. Só com o fim de registro. Considerou-se como desejável a habilidade em transcrever um texto de linguagem informal para um texto em linguagem padrão.

Importante registrar que foi explicado aos alunos as palavras possivelmente desconhecidas e feita a observação quanto as variedades/modalidades lingüísticas formal e informal.

O que o professor/pesquisador pôde diagnosticar foi que os alunos tiveram muitas dificuldades para entender a proposta do exercício. A grande maioria. Depois de várias tentativas de esclarecimentos ainda permaneciam com muitas dúvidas quanto à leitura e convidados que foram a escrever, relutaram, deixando claro o seu “medo” de se expressarem por esta forma. Receosos. Muito mais receio de se expressarem por esta modalidade do que “preguiça” ou falta de vocabulário lingüístico que pude comprovar com a minha convivência entre eles mais tarde.

Lembrei-me de Guimarães Rosa em sua obra Grande Sertão Veredas na fala do personagem do ex-jagunço Riobaldo. Este num “monólogo/ diálogo”, diante de um interlocutor bem mais instruído:

“o senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas talvez por isto mesmo. Falar com um estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai

embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo”

“Sendo isto. Ao doido, doideiras digo. Mas o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda”.

“O sério pontual é isto, o senhor escute, me escute mais do que estou dizendo: e escute desarmado”, (ROSA apud ROCHA, 1981, p.72).

Quanto à escrita foi considerada a modalidade culta, só com a intenção de diagnosticar a familiaridade deles com as variedades lingüísticas, já que o texto oferecido é um texto escrito em linguagem não formal. Ao completar o primeiro grau, as crianças deverão ser capazes de expressarem-se oralmente e por escrito, corretamente e de forma coerente compreendendo totalmente o que lêem e escrevem usando crítica e criativamente todas as habilidades e formas da linguagem. Pretendia-se neste momento diagnosticar também a capacidade de leitura e entendimento do que se lê.

Verifico que existe um grande receio de se expressar por parte dos alunos, tanto na forma oral como na forma escrita. Lêem e não compreendem o que leram. Parece-me que desde o início da alfabetização formal os alunos são incessantemente “monitorados”, não podem falar nem escrever o que pensam e como pensam, pois não podem “errar” como implícito no silêncio, na indisciplina dos alunos e na fala da aluna Elaine em uma conversa informal “eu tenho medo de escrever e errar...” Percebi que os alunos queriam um roteiro. Percebo que falta uma visão mais integrada que conceba e trabalhe a alfabetização em sua totalidade, comunicação, expressão e representação. Neste contexto deparamo-nos com alunos, ao final do quinto ano de escolaridade, ainda em níveis alfabéticos. Dominam o código de ler, porém não houve letramento.

“Quem somos nós, quem é cada um de nós, senão uma combinação de experiências, de informações, de leituras, de imaginações”?

Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos. Uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e re-ordenado de todas as maneiras possíveis,” (CALVINO, *Jornal do Brasil*, 03/08/1996.)

A árvore que não dá fruto.

É xingada de estéril.

Quem examina o solo?

O galho que quebra  
É xingado de podre, mas  
Não havia neve sobre ele?  
Do rio que tudo arrasta  
Se diz que é violento  
Ninguém diz violentas  
As margens que o cerceiam.

Bertolt Brecht

## 1.2. Contando histórias

Por onde começar? Lógico, contando histórias. Pergunto à classe se querem ouvir histórias. Alegria geral. Que tipo de histórias gostariam de ouvir? Muitas falas. Muitos desejos. Por votação, reforçando a máxima de que a vontade da maioria é respeitada foi escolhida a história de assombração. Resolvo contar aquelas que não tem registros escritos. Aquelas que ouvi de meu pai, dos agregados, dos meus irmãos. Depois de muita atenção e silêncio eu já não era a única contadora da classe. Muitas vezes, agora não mais do além, falas vivas e encantadas. Foi necessário que elegêssemos um dia para “contação” de “causos”. Veio a calhar: toda sexta feira seria dia de histórias. Foi sugerido como atividade para casa que ouvissem uma história e que esta fosse preparada para ser contada na sala. A semana parecia a eles e, também a mim longa demais. Tal a curiosidade e vontade de ouvir e relatar histórias fantásticas que *“o meu pai me contou”, “minha vó disse que aconteceu mesmo”*... (aluno Cicero, 2008).

E assim as aulas de sexta feira passaram a ser curtas para tantos “causos” de assombração. Para o Círculo de Bakhtin, (...) um dos aspectos mais inovadores foi enxergar a linguagem como um constante processo de interação mediado pelo diálogo - e não apenas como um sistema autônomo.

“A língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não conhecemos por meio de dicionários ou manuais de gramática, mas graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação efetiva com as pessoas que nos rodeiam” (BAKHTIN, apud PINHEIRO, ano, p... ).

Parte das histórias que fizeram sucesso:

“A mula sem cabeça soltava fogo pelos olhos” esta causou muitas risadas

“O Saci Pererê existe mesmo e eu corro quando vejo redemoinhos...”

- “a mulher de três metros que aparecia para a meninada nos lotes vagos “...

“Ah! essa mulher de três metros aparecia também na rua da igreja. Era uma escuridão... a meninada morria de medo”

“Meu pai contava mil histórias. A certa altura ele via a “Mula-sem-cabeça, soltando fogo pros “zoios”. A criançada olhava, olhava, não via nada, mas parecia que via, de tanto medo”.

“Lembram quando teve um acidente com um casal no trevo? Aí a mulher morreu e ela começou a aparecer no banheiro das meninas”

Duas semanas de um “medo” gostoso. Neste período nem lembramos dos “superconsualienantes” personagens das histórias atuais. Ali tínhamos histórias de gente, histórias de heróis que não estão na mídia. Heróis sobreviventes apesar de Walt Disney, Harry Potter etc.

Para Benjamin, a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que todos narradores recorrem, “... *assim, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos diversos narradores anônimos*”. (BENJAMIN, 1985, p. 198). Freyre diz do povo brasileiro

“... por excelência o povo da crença no sobrenatural: em tudo o que nos rodeia sentimos o toque de influências estranhas, de vez em quando os jornais revelam casos de aparições, mal-assombrados, encantamentos”. (FREYRE, 1980, p. 141).

1  
Nessa noite estava andando  
Escutei alguém conversando  
Me causou grande interesse  
Fui chegando mais perto  
E um diafio era certo  
Do Saci e a Mula-sem-cabeça  
Um dia: "Vai embora  
Pois já são altas horas  
Por favor vá se me esqueça"  
2 Mula  
A Mula falou assim:  
"Tome cuidado, Saci,  
Pois eu sei de sua fama  
Nas pessoas jogu brasa  
O relógio diz que atrasa  
E puxa os outros da cama  
Trança a crina de cavalo  
Joga o gado no valão  
Do peixe tira a escama"

3 Saci  
"Olha aqui, sua Mula,  
Cerca em que você pula  
Para namorar o padre  
Estão falando por aí  
Que venha você é sur  
Como o seu próprio companheiro  
Quando entrou no convento  
Eu estava lá no vento  
Vi você enganar a madre"

5 Saci  
"Seu corco e igual navalha  
O pauzê você espalha  
Ferindo quem encontra  
O seu fogo causa medo  
Mas sem outro segredo  
Que ouzê de você é falar  
Você pegou este encanto  
Na zenta-fera sarça  
Namorou antes de casar"

### 1.3. Caçar palavras, caçar histórias...

"(...) Sem saber nada da vida",

Querendo aprender contigo a forma de se viver,

As coisas estão no mundo só que eu preciso aprender.

As coisas estão no mundo só que eu preciso aprender."

(Paulinho da Viola).

Os alunos das quintas séries têm muitas dificuldades para redigir. Segundo eles por falta de assuntos, argumentos. Conversando com eles percebi que tem mesmo é dificuldade de "achar assunto". Descobrir assuntos. Conscientizei-os que os assuntos estavam ali, à nossa volta. Bastava que eles usassem os seus olhos, ouvidos, narizes, bocas e mãos. Convidei-os a que pusessem a funcionar estes sentidos e eles teriam palavras pra escrever livros de mil páginas. Eles aceitaram o desafio e curiosos que estavam pela possibilidade de realmente terem material para tanto.

Orientei-os que sairíamos da sala, respeitando as regras de boa educação, para "caçar" palavras. O acordo foi que poderíamos conversar só assuntos que nos trouxessem material.

Deveríamos olhar sentir, conversar, tocar as coisas etc. Tudo isso durante o trajeto e comentar sobre as possibilidades que aquilo, aquela (e) pudesse transformar-se em texto.

Logo que saímos da sala encontramos o corredor vazio e silencioso. As salas estavam em aulas a portas fechadas. Logo alguém questionou:

- "Não estou ouvindo nada"!

Respondi-lhe que falar do silêncio poderia ser um assunto legal. Pareceu-me que naquele momento é que realmente entenderam o propósito.

Começaram a falar do cheiro bom da comida. Estávamos próximos da cozinha e do horário do lanche. Conversaram com as cozinheiras e tínhamos aí, em minutos, muitos assuntos. Cheiro, fome, cardápio, cozinheiras, tamanho de fogão etc. Mais à frente encontramos com os seguranças e logo um grupo dirigiu-se a eles. Interessante ressaltar que um dos guardas estava em horário de almoço, sentado e lendo. Ele lia o livro Vinte Mil Léguas Submarinas o que causou certo estranhamento aos alunos. Consideravam que este era um livro infantil.

4 Mala  
"Tome cuidado, Perê,  
Que deu um coice em você  
Te fez doer a nariz  
Você persegue o animal  
Morra nele e dele o pai  
Somente para se divertir  
Se a moça gravida ficar  
Da alguma coisa de azar  
O culpado é você, Sacri"

6 Mala  
"Estou sabendo que você  
A sua perna foi perder  
No meio da capoeira  
Outros falam que é no vale  
Quando caiu do cavalo  
Apertando brincadeira  
Dizem que foi na cozinha  
Que cortou a sua perna  
Por causa de ser artesão"



Num diálogo o guarda disse-lhes que havia começado a ler no dia anterior e gostara tanto da história que não conseguia parar de ler.

Puxa! Quantas sugestões surgiram nestes minutos. Tais como: o guarda que lê, funções do guarda, segurança, uso de armas etc. Sem falar no interesse de alguns em ler o livro para ver se era bom mesmo. Alguns já se dirigiam para as proximidades da árvore e lá nos sentamos.

Começamos a “caçar” histórias. Olhando para cima. Árvore. Nuvens. Um aluno já disse que a árvore era pára-raios de pipas, já que nos seus galhos havia várias embaraçadas. Motivo de gargalhadas e vontade de subir para verificar se as linhas tinham cerol. Alguém enxergou um ninho de pássaro na árvore. Quanta solidariedade! Poética cumplicidade!

Alá!

"Cadê?" "Onde?"

"Ali!"

"Daqui vê melhor!"

"Silêncio!" "Tem um passarinho lá!"

É um bem-te-vi, disse um. "É fêmea!" "Não é."

Pronto! Tínhamos ali especialistas em sexo de pássaros.

"Meu pai é que falou."

Que união de olhares e quantas possibilidades de falas e observações advindas desse momento!

Poético até.

Comentário de um:

"Dona, já posso encher um caderno de assuntos".

Fomos para a parte lateral da escola. Meu Deus! Queria uma professora comigo. Não! Não era para ajudar-me quanto à disciplina, mas com a finalidade de melhor atendê-los:

"Dona, o jardim está mal cuidado!" "Esta planta é de comer?" "Minha avó faz chá desta aqui." "Olha o ninho de passarinho no poste!" "Por que a escola tem grade?" "Que planta é esta aqui?" "Dona, que rosa linda!" Meu Jesus! Passaram-se dez minutos e nós já tínhamos histórias para vários livros. Inclusive eu. Também buscava palavras.

Comentário de um aluno: "Dona, a senhora precisa não, já fala demais."

Por mim terminava aí quando do lado de fora da escola surgia o "Juaninha". Figura a mim tão estranha e a eles tão íntima. "Dona ele é "gay"!"



Disse um aluno. "Gay não, viado!" Disse outro. Todos queriam, diante do meu constrangimento, informar sobre o "Juaninha". Este é morador de rua no bairro. Pareceu-me ser bastante popular diante das íntimas informações que me eram passadas. De repente, "Juaninha" gritou-me:

Dona!

Oh, dona!

Silêncio total da meninada.

A senhora me dá um trocado para o almoço?

Não tenho. Respondi-lhe. O que adianta ir à igreja, bater a mão no peito... Quanta hipocrisia! Disse-me entre resmungos, muxoxos, remelexos e trejeitos espetaculosos.

Solidarizei-me com o silêncio dos alunos. Emudeci. Os alunos entreolhavam-se e a mim. Olhares de curiosidade, reprovação, indignação, deboche e gozação. Idos já quinze minutos, preparávamos para voltar para a classe quando chegamos até a secretaria. Novas perguntas, curiosidades, novidades, assuntos etc, e eu teria aqui também relatos e relatos. Mas vou poupá-los. Voltamos para a sala felizes e fomos marcando na lousa as várias possibilidades de textos, assuntos, que poderíamos usar. Mais de cem títulos surgiram desta experiência. Ficou como dever de casa que se produzissem um texto, a escolha deles, usando as palavras temas caçadas. Caçadas e bem presas na alma. Quanta euforia! Quantas novidades! Há duas semanas tenho um "problema": quantos assuntos misturados! Querem falar sobre tudo!

Quantas páginas para corrigir!

Socorro!

Avaliando

Os alunos só conhecem, na Escola, a sala de aula que freqüentam os corredores por onde transitam e a quadra onde têm aulas de educação física. Nesse passeio tiveram a oportunidade de visitar parte das dependências da escola. Observaram um ninho de passarinho construído na luminária da rede pública. Viram as plantas medicinais existentes na horta. Perguntaram pelas suas denominações, tocaram nelas, perceberam seus aromas e indagaram sobre suas serventias.

Conversaram com os servidores demonstrando interesse pelas atividades dos mesmos, bem como sobre suas vidas. Presenciaram o diálogo



entre um pedinte e a professora onde o mesmo pediu um dinheiro para comprar um almoço. A professora disse que não tinha dinheiro, e ele a chamou de hipócrita, "que vai à igreja, bate no peito, e não dá de comer a quem tem fome".

E tudo isso teve a duração de 20 minutos.

Após o passeio os alunos retornam para as Atividades de Classe.

Convido os alunos a anotarem os temas observados, e anoto na lousa as observações feitas pelos alunos. Foram destacados mais de cem títulos possibilidades de texto.

Redação! Depois de corrigidas serão analisadas com eles.

A experiência foi muito rica e gratificante. Nas palavras deles:

"Este relatório está sendo feito pelo passeio a escola".

Logo quando saímos da sala de aula sentimos o cheiro bom que vinha da cantina.

Saimos para olhar lá fora e já deu pra ver um ninho de bem-te-vi lá no alto de uma árvore que tem na frente da escola, a minha professora ficou encantada com o bem-te-vi.

Nós fomos lá para cima para ver tudo que tínhamos lá, de cara nós vimos o estacionamento bem pequeno onde ficam os carros dos professores.

Logo lá na frente entramos na sala dos professores, onde acho que quase ninguém tinha entrado, vimos algumas rosas, a que eu mais gostei era uma que parecia um camarão.

Depois voltamos para a sala de aula, a professora encontrou outra professora e voltaram conversando.

Sinceramente gostei muito do passeio pela escola, mas nós alunos deveríamos conversar menos, adorei. "(Ingrid 6 série.A,07/08/08)

"Eu estou fazendo este relatório porque vou falar sobre meu passeio na escola.

1 – Eu vi um lindo ninho que o pássaro chamado bem-te-vi construiu. A árvore que nós vimos é grande e faz uma bela sombra. No refeitório nós sentimos um delicioso cheiro de macarrão.

2 – Subindo lá em cima a primeira coisa que eu vi foi a garagem cheia de carros, ao lado da garagem está a sala dos professores, tem o local para os fumantes, tem os banheiros dos professores, masculino e feminino.

3 – Seguindo o nosso passeio nós vimos o local onde plantaram algumas flores.

4 – Ao lado da sala dos professores tem a informática e as quatro salas de aula e do outro lado tem uma biblioteca.

5 – No pátio tem dois pimbolins onde os meninos brincam, tem o local que tem amarelinha, tem a quadra que os meninos jogam bola.

6 – Tem o local onde fazem a comida, os banheiros das crianças, a diretoria e outras quatro salas de aula.

7 – Na entrada para um jardim tem pés de café, amoreira e outras plantas. Tem um formigueiro e uma grande área de serviço.” (Cícero 6 série B).  
05/08/08

O interesse dos alunos foi marcante. Eles querem repetir o "tour" pela escola já que só visitamos o lado esquerdo, mais ou menos, 20 metros de comprimento por dez de largura. Se essa moda pegar, vou desaparecer debaixo de tantas redações.



Descobrir assuntos transformou-se numa doce aventura ao criar possibilidades de textos a partir da heterogeneização do ambiente da escola, uma vez que “o hábito de atuar nos mesmos espaços e ambientes faz com que eles sejam cada vez mais iguais e imperceptíveis. Ora não se lê o homogêneo”, (FERRARA, 2000, p. 23).

Esta atividade foi realizada no cotidiano da escola em uma multiplicidade de vida com muitos intercessores e infinitas possibilidades de criação. Ao descortinar o ambiente da escola para os alunos na busca de assuntos para a produção de textos, emergiram desejos de saberes com relevância para essas crianças. Podemos dizer que será uma produção de textos na *Educação Menor*.



“Por educação menor sugiro tomarmos aquela desenvolvida pelos professores na solidão de sua sala de aula, para além de planos, políticas e determinações legais. A educação menor, enfim, traduz-se num esforço micropolítico de criação e de produção cotidiana em que professores e estudantes realizam os atos educativos, mas também nas microrelações estabelecidas na instituição escolar como um todo,” (GALLO, 2007, p. 28)

#### As palavras

Domingos Paschoal Cegalla

As palavras dormem seu sono profundo  
como as pedras no seio da montanha.  
Desperta-te e constrói com elas  
a tua torre, bela e inabalável  
que até os furacões respeitem,  
quando ruge, em redor,  
a tormente implacável (.....)



## 1.4 Ecoando... Histórias como fator de integração familiar

Alunos buscando suas próprias histórias... Ouvindo e registrando...

Exercitando a expressão escrita, oral e propagando-as. Ecoando.

Histórias contadas pela mãe. Os alunos contavam com muito orgulho de quem ouvira as histórias. Mostravam-se muito a vontade para contar. Alguns inclusive revelando dotes artísticos conseguindo fazer-nos rir ou entristecer de acordo com o desenrolar dos fatos. Poucas histórias em forma de lendas folclóricas, pouquíssimas em forma de fábulas e ou de fadas. Predominando as baseadas em fatos verídicos veiculadas pelos meios de comunicação. Geralmente trágicas. "Histórias geração Ratinho", não as de La Fontaine, Perault ou Grimm, infelizmente.

Sugeri aos alunos que procurassem alguém do ambiente familiar para que lhes contassem uma história qualquer. Esta deveria ser ouvida e depois registrada por eles em uma folha. Estímulo para reforçar a expressão escrita. Na aula seguinte, oralmente poderia ser socializada objetivando desenvolver também a expressão oral e a propagação de histórias. A maioria das histórias ouvidas foi contada pela mãe. Os alunos contavam com muito orgulho de quem ouvira as histórias.

Interessada em observar o papel das histórias também como fator de interação sugeri-se fazer uma pesquisa em família quanto à vida intra-uterina até os primeiros dias de nascidos e relatadas em forma de texto escrito. Todo material produzido neste período, depois de lido, corrigido transcrito por nós está sendo arquivado para "o nosso livro" que será encadernado e oferecido à biblioteca da escola com momentos de autógrafos.

Títulos destacados de algumas biografias:

"Vozes de um feto" (eleito por eles como nome de um capítulo da obra, já que será encadernada)

"O feto", "História de um feto até um ano", "Meu diário de feto", "Meu diário de pensamentos e sentimentos", "Minha história", "Um bebê especial", "Meu diário de pensamentos e sentimentos", "Minha história", "Um bebê especial", "Minha biografia (parte feto)", "A triste história de um feto", "A história do feto", "Tristeza e dor", "Quando nasci etc,etc,etc", "De "fetinha" a Diana". "Dona, o que é autógrafo?"

E a história continua...

"Quando nasci.

Quando estava na barriga da minha mãe, logicamente, a cada mês que passava ia ficando maior e assim formando a cabeça, os pés, as mãos etc.

Meus pais ficaram sabendo que estavam me esperando e logo chegou o dia do primeiro exame.

Aquele negócio mexendo na barriga me incomodava.

Já não agüentava mais ficar naquela barriga. Até que nove meses se passaram. Dia 27 de abril de 1992, maternidade me esperava.

Lá, havia vários médicos para ver meu nascimento.

Logo eu nasci. Que legal! Visitas vieram me conhecer. Devia ter ficado feliz ao conhecer aquelas pessoas.

Poucos dias passados, meu pai foi me registrar com o nome: "Eliane Bruniely de Lima Rodrigues". E logo também saí da maternidade.

Os meses se passavam. E logo se passou um ano. Era o dia 27 de abril de 1993.

Oba! Já estou fazendo um ano de idade.

A festa foi o máximo" (BRUNIELY, Eliane, 6º B

"O Feto

Eu, quando consegui entrar no útero de minha mãe, não gostei muito, pois não tinha ninguém para conversar.

Dois meses depois – Hoje minha mãe descobriu que estou dentro dela, ou seja, ela está grávida de mim.

Mais três meses – Ai que droga: Já tenho cinco meses e ninguém sabe que sou menina e ainda por cima me chamam de Juninho...

Mais dois meses – Eu não acredito que horrível ter que ficar de ponta cabeça, mas não vejo a hora de sair daqui, pois a minha mãe só come coisas horríveis, tirando os chocolates e as batatas fritas.

Mais dois meses – Chegou a hora de sair de um mundo e ir para o colo de minha mãe. O meu pai parece que não sabe como me chamar, mas logo, logo eu vi que vou ter um nome.

Hoje o meu pai veio me visitar e já sabe como vou me chamar: Jéssica. Agora estou saindo e indo direto para minha casa onde toda a minha família está me esperando. Cheguei, mas meu avô não quis me receber.

Uma semana depois – A minha avó mostrou a meu avô a minha certidão de nascimento, ele viu que eu tenho o sobrenome dele e me pegou no colo.

Depois de três meses – Já estou enjoada de tomar leite toda vez que estou com fome, mas fazer o quê é a única coisa que eu posso comer.

Mais quatro meses – Estou muito gorda, preciso cuidar do meu corpo, pois aqueles meninos idiotas ficam gozando com a minha cara, mas meu colega chamado Gustavo disse que mesmo gorda eu sou D +...

Depois de dois meses – Chegou o meu aniversário de um ano e a festa está maravilhosa. Bom, agora é hora de cortar o bolo e o primeiro pedaço vai para, para o, para o Gustavo, é claro! Ganhei tantos presentes, só que agora tenho que dormir, pois estou muito cansada. Boa noite!”(Milena, 6ª série C)

“A primeira experiência de satisfação do ser humano é com o seio materno. Aprendemos a amar com aqueles que nos amaram. Amor de mãe é vetor, sem ele caminhamos perdidos. Toda criança precisa se sentir reconhecida por aqueles que a cria, senão é como seguir trilhas sem saber onde tudo começou. Os filhos sempre dirigem à mãe o olhar de agradecimento ou revolta, sempre reivindicam esse amor fundamental, matricial. O amor é um sentimento universal que não deve sair de moda. Ele rompe fronteiras sociais, étnicas, estrutura o sujeito e viabiliza a construção de uma existência mais bonita e prazerosa. O amor é fundante das relações humanas - seja com o filho, amigo ou aluno. Sem uma transferência afetiva as relações não se desenvolvem e nem avançam.”([amoresurgentes.blogspot.com/.../11/perfil-inez-lemos\\_06](http://amoresurgentes.blogspot.com/.../11/perfil-inez-lemos_06).)

Trazer as histórias de cada um como estratégia para produção de texto foi positivo. Os alunos produziram textos narrativos longos. Aproveitamos o momento e transcrevemos estes textos para uma linguagem mais formalizada. Trabalhamos paragrafação e pontuação.

## Capítulo 2. Contar histórias e o exercício da leitura e escrita

A língua nasceu solta e desenvolta.

Nasceu virada para fora de si. (...).

A língua, na sua fantasia, tem vestidos: vestidos requintados com enfeites de emoção, roupa de mendigo e com remendos (...), vestido com bordados e afrontas que para muitos são heranças que os séculos lhe foram juntando num pé de meia.

E com todos esses vestidos chega a bifurcar-se em língua do coração, língua do sentir, da alma e língua de contacto com o resto do mundo.

(...) Têm elas o seu estilo de cooperação: a língua de viagens, a de contacto, acaba pedindo emprestadas as roupas de emoção da língua do sentimento (...).

Esta, por sua vez vai deixando que a língua do sentimento faça uso de suas letras.  
Mia Couto

Professores e alunos juntos podem ser ótimos contadores de histórias. O professor ao se interessar pela história de seus alunos, ajudando-os a escrevê-la vai tecendo seu próprio percurso.

A sala de aula como um espaço de sonhos adornados por maravilhosos e fantásticos contos rompe as paredes ao faiscar olhares brilhantes das crianças, jovens e adultos na construção da afetividade em ambientes de aprendizagem. O exercício de leitura das múltiplas linguagens como a das imagens, a da cultura, a das relações humanas e a dos livros, onde tudo pode acontecer com educadores e educandos mergulhados no conto como seus personagens.

Como educadores podemos aprender a orientar, sinalizar possibilidades de forma amorosa, acolhedora e compreensiva. Atentos a necessárias adequações da prática com as características e realidade dos alunos. O contador de história estabelece relação de afeto e encantamento, encorajando o aluno a transpor o conhecido e experimentar novas emoções e criar outras realidades:

[...] é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... é ficar sabendo história, geografia, filosofia, política, sociologia, sem precisar saber

o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo). (ABRAMOVICH, 2003, p.17)

## 2.1 Escrevendo Carta

( ... ) "Tenho três filhos lindos,  
Dois são meus, um é de criação.  
Eu tinha mais coisas pra lhe contar,  
Mas vou deixar pra outra ocasião.  
Não repare a letra,  
A letra e de minha mulher.  
Vide verso meu endereço,  
Apareça quando quiser".  
(Adoniran Barbosa )

Para ampliar o uso da escrita, numa perspectiva crítica que objetive formar um leitor e um produtor de textos de forma contextualizada e significativa resolvemos escrever cartas...

Escrever carta é uma narrativa forte, consistente e terna. Tem de sagrado a cumplicidade e a cordialidade... É conversa a dois.

Aproveitando a proximidade da comemoração do dia dos pais resolvi trabalhar texto em forma de carta. Sugeri aos alunos das quintas séries que poderíamos escrever uma carta aos pais como forma de homenageá-los. A idéia causou certo desconforto que só depois de alguns minutos pude entender. A grande maioria não tinha o pai em casa, por várias razões tais como: - muitos eram criados pelos avós; - uns por padrastos; - alguns só pelas mães; - outros nem conheceram os pais; - muitos com o pai preso (assustei-me com a elevada incidência) etc.

Por essas razões tive antes que "fugir" do foco principal que era texto, para um momento de reflexão sobre os vários tipos de família que temos hoje e a naturalidade deste fato. Comecei dizendo a aqueles que eram criados só pelas mães que estas mereciam serem homenageadas também nesta data, pois exerciam dupla função. Do quanto elas eram "guerreiras", pois não haviam abandonado o barco e mereciam sim receber uma carta de agradecimento por essa atitude. Aqueles criados por pais não biológicos disse-lhes que "pai é quem cria, quem orienta, quem sustenta" e que estes deveriam nesta oportunidade receberem um reconhecimento de nossa parte. Muitos argumentaram que padrasto não era pai e outros resmungaram reclamando que não gostavam deles.

Mais uma vez tive que direcionar a minha fala porque argumentar com estes fatos é difícil. Disse-lhes que a carta talvez fosse um meio de minorar estas dificuldades não só as de relacionamento como também uma oportunidade de propiciar um diálogo através de um gesto de generosidade. Aqueles que disseram nunca, nem por retrato, terem visto o pai ou não se lembravam das fisionomias destes sugeri-lhes que se olhassem e percebessem neles os traços formados como resultado de uma relação da qual eles eram fruto. Certamente frutos de um instante de amor e que eles eram únicos. Entrei aí pelo campo da biologia explicando-lhes que, no momento da fertilização milhões de espermatozóides tentaram atingir o óvulo, mas só um conseguiu. E esse vencedor é você!

Ficaram encantados, pareceu-me que nunca tinham se enxergado tão especiais. Quanto aos que são criados por um familiar que a carta seria também uma oportunidade diferenciada e registrada de agradecê-los e mostrar o seu reconhecimento. Depois de abordadas essas situações aqueles cujos pais, estão presos, e são muitos, já se sentiam mais a vontade para falar sem constrangimento. Um se manifestou. Logo outro. E mais outro e outro... Santa Mãe! Quantos!

Disse-lhes que não deveriam deixar de amar seus pais pelas penas que estão cumprindo, pois o amor é incondicional e que no presídio receber uma carta de um filho poderia ter resultados mágicos. Primeiro pelo orgulho de receber carta de um filho, e já alfabetizado.

Também pelo momento de carinho, emoção e até, quem sabe, como alento às agruras advindas da situação em que se encontram. Sem falar no efeito que uma correspondência de amor poderia causar; esperança, vontade de se recuperar para voltar para casa e viver uma nova vida. Expliquei-lhes que não deveriam sentirem-se culpados ou diminuídos por esta situação. Situação esta que não provocaram. Isto é problema deles e vocês podem amá-los independente deste fato. Muitos sentiram-se aliviados, pois pareciam proibidos de amá-los. Comecei a ensiná-los a preencher os envelopes para postar. Que frenesi! "Como vou colocar o mesmo endereço do destinatário e remetente?" Pergunta daqueles que moram com o pai, ou no caso mãe ou parentes. Comuniquei-lhes que a personalidade estava no nome de "para quem" eles enviavam a carta. Esta era a diferença. E também a personalidade do remetente.

Problema!

"O Correio entrega carta em penitenciária?" "Será que vão entregar a carta?" "Alguém vai ler a carta antes de meu pai?" "Lá tem CEP?" "Não sei o número da cela do meu pai. Precisa colocar?" "Eles entregam assim mesmo?".

Tentei tranquilizá-los e prometi a estes que chegariam e àqueles que não tinham os endereços orientei-os a que procurassem algum amigo ou familiar para auxiliá-los.

Ufa!

"Venho por meio destas mal traçadas linhas comunicar-lhes..."  
(Adoniran Barbosa) que deu certo.

Quantas "missivas" foram produzidas!

A diretora forneceu-me os envelopes e os selos. Tinha eu agora uma missão difícil; a de corrigir os erros ortográficos. Neste momento percebi como era complicado. Só então percebi o quanto estaria invadindo a privacidade deles. Senti-me desconfortada e comuniquei-lhes deste sentimento e que se não quisessem eu não precisaria ver o conteúdo da carta.

Impressionante! Todos eles quiseram; não queriam remeter uma carta, principalmente a primeira, com erros. Coloquei-me a disposição e combinamos que eu os atenderia individualmente já prevendo a situação.

Quero ressaltar que todos, inclusive os alunos "problemas", escreveram.

Quanto ao teor, aqueles que são criados só pelas mães as amam demais. Isto fica claro devido à repetição de termos amorosos. Parecia que o papel e as palavras não seriam suficientes para explicitar tamanho carinho.

As cartas aos padrastos também estavam escritas livres de amarguras. Algumas até abordando assuntos delicados, mas sempre ressaltando os agradecimentos, por eles ou pelo quanto ajudavam suas mães.

As dos avós, parentes etc. com pedidos de desculpas pelas "artes" e de reconhecimentos.

Difícil mesmo foram as dos que os pais estão presos. Antes de mostrar-me o texto eles queriam contar-me a razão.

Fala comum com estes termos: todos "estavam no lugar errado, na hora errada"; "não são culpados"; "estavam com um amigo este é que era culpado, mas meu pai é que levou"; "está preso injustamente".

Assuntos e mais assuntos. Agradecimentos a Deus pela família, pedidos de desculpas, lembranças de bons momentos vividos, saudades, conselhos, mensagens de esperança e beijos. Muitos beijos...

Muitas pessoas “invejarium” cartas tão “recheadas de amor”. E tão sinceras! E tão espontâneas!

Questionei-os se já haviam recebido cartas. Num universo de 94 alunos, que fizeram a atividade, somente três haviam recebido em seu nome. Os outros nunca. Fiquei pensando nas cartas judiciais que suas famílias, provavelmente, já haviam recebido. Ordens de despejos, cobranças, intimações etc. Estas eu não precisaria apresentá-las. Ser-lhes-iam familiares? Questionamento meu.

Termino com um poema de Drummond...

#### A Um Ausente

Tenho razão de sentir saudade,  
tenho razão de te acusar.  
Houve um pacto implícito que rompestes  
e sem te despedires foste embora.  
Detonaste o pacto.  
Detonaste a vida geral, a comum aquiescência  
de viver e explorar os rumos de obscuridade  
sem prazo sem consulta sem provocação  
até o limite das folhas caídas na hora de cair.  
Antecipaste a hora.  
Teu ponteiro enlouqueceu, enlouquecendo nossas horas.  
Que poderias ter feito de mais grave  
do que o ato sem continuação, o ato em si,  
o ato que não ousamos nem sabemos ousar  
porque depois dele não há nada?  
Tenho razão para sentir saudade de ti,  
de nossa convivência em falas camaradas,  
simples apertar de mãos, nem isso, voz  
modulando sílabas conhecidas e banais  
que eram sempre certeza e segurança  
Sim, tenho saudades.  
Sim, acuso-te porque fizeste  
o não previsto nas leis da amizade e da natureza  
nem nos deixaste sequer o direito de indagar  
porque o fizeste, porque te foste  
Carlos Drummond de Andrade

### 2.1.1. Reflexos/desdobramentos

Antes de qualquer coisa vale registrar a ansiedade (gostosa) que vivenciamos, eu e os alunos, quanto a chegada da carta nos seus destinos. Tive de controlar-me e a eles diante da demora do correio. Ansiedade compartilhada. Quando as cartas começaram a chegar era visível a alegria coletiva, principalmente porque como moram na mesma comunidade as cartas chegaram juntas, ou melhor, próximas umas das outras. Durante mais ou menos uma semana o assunto era este. As reações, apesar de individuais, guardavam em si semelhanças; alegria, sentimento de cidadania, realização. Conforme alguns depoimentos colhidos: Depoimentos: "Dona, foi massa, meu pai nem acredita! Ficou emocionado! Verdade, dona!" "Minha mãe sabia. O carteiro chegou e minha mãe estava mais 'aguniada' que eu... Custou a esperar. Foi muito bom." "Meu pai encheu os olhos de lágrimas... quase chorou..." "Meu pai falou que vai guardar para sempre..." "Nunca imaginei que seria tão lindo....Valeu, dona!" "Minha vizinha foi lá para casa ver meu pai chegar... Só pra ver a cara dele..." Etc., etc

O desdobramento da ação foge ao controle do educador muitas vezes causando-nos surpresas. Acreditando eu, ignorantemente, que desta ação colheríamos só alegrias qual não foi a minha surpresa com o desfecho de algumas situações não previstas. Um silêncio balbuciante daqueles que não puderam partilhar da reação dos pais quando do recebimento da carta, pois estes pais ausentes ou não freqüentes e aqueles aprisionados. Mais uma vez aprendi o quão delicado é envolver-se na esfera das emoções. Nesta situação absurdamente ignorada por mim tive que recorrer ao bom senso para conduzir de tal forma que estes alunos envolvidos acreditassem que a reação destes pais foi de alegria, orgulho, satisfação etc. Já nessas alturas envolvida totalmente, profissional e emocionalmente, eu, eles e eles entre eles quando surge um novo fato, também não previsto. Foi quando percebi alguns alunos com aparência solidária instigando um colega, o F., a expor sua experiência com a chegada da carta em sua casa. Quero antes ressaltar que era visível o espírito de solidariedade dos colegas com ele. Como se o encorajando a me relatar o fato, teria eu as palavras que lhes faltavam para consolar o colega.

Este sentindo segurança naquele ambiente com os olhos lacrimejantes relatou-me o seguinte:- Dona, não foi tudo bem lá em casa.- Por quê? Disse eu estupefata. Segura que estava da impossibilidade desta ação trazer senão sentimento de bem estar. Foi quando os olhinhos todos como que sentindo a dor do colega dirigem-se a F. reforçando neste o encorajamento para expor seu desapontamento. Ele, seguro que estava com os olhares de apoio a sua volta, relatou. Ocorreu que a carta chegou e o pai não estava em casa. F. deixou-a na entrada para que seu pai a visse. Este quando chegou e encontrou a carta já chutou a porta e avançou contra a mulher, acreditando ser aquela carta de um amante. Diante de gritos e palavrões demorou que se ouvissem a voz de F. explicando quanto ao teor da carta. Este disse-me que o pai demorou a ouvi-lo e quando o ouviu, usando as próprias palavras do F., "partiu para o meu lado". Bateu-me dizendo que não fizesse mais isto. Parecia nesta altura que o pai já percebera o equívoco e não podendo "voltar atrás", descontou na criança e até hoje não se falou mais nisso, naquela casa.

Mais uma vez, sentindo-me faltar as palavras, e movida pelos "olhinhos", agora não mais de solidariedade, mas de cobrança dos já meus inquiridores queridos, tive de recorrer as profundezas do meu ser para encontrar as palavras, que me pareciam poucas e pobres, para consolar e justificar aquele momento. Foi quando, pareceu-me que só Deus poderia socorrer-me. Então, buscando na Palavra de Deus tentei conduzir a situação para o lado de que deveríamos perdoar os insensatos na certeza de que Deus, que tudo pode e tudo vê, certamente teria entendido toda aquela situação e entenderia toda a nobreza que envolvia as intenções de F. Neste momento deu o sinal e pude sair de lá, quase que correndo, decepcionada que estava com o desfecho da ação. Quem sabe durante o percurso volte eu aqui com algumas cartas-respostas recebidas por eles e quem sabe, até por F. com pedido de desculpas.

### Carta aos pais

"Campinas, 07 de agosto de 2008

Querido Papi,

Neste dia especial, quero que você seja feliz. Sei que sou muito rebelde e às vezes malcriado com você, mas eu sei que mesmo assim você gosta de mim. SE VOCÊ NÃO GOSTAR APANHA Ó, Ó. Brincadeira XP. Agora é

sério e eu gosto muito de você e queria que você soubesse. Eu tenho vergonha de falar isso para você, por isso me senti melhor escrevendo uma carta.

Eu gostaria de te dar todas as coisas do mundo, mas como eu não posso te ofereço meu amor e meu carinho de presente.

Você me ensinou as coisas certas, mesmo que sejam a força. Quando eu errava você me corrigia.

Tudo o que eu sou hoje é graças a você.

Obrigada, Beijos, Carla." 6º E

João

"Querida mamãe o dia dos pais está chegando aí. É domingo agora.

E estou lhe mandando esta carta para te agradecer por todo esse tempo em que você me ajudou me incentivou e me aconselhou como é a vida lá fora. Sei que não é fácil trabalhar. Todos os dias e até no final de semana só para ver seus filhos felizes. Também sei que você fica feliz quando lhe ajudamos.

Ficar brava com a gente quando pisamos na bola com você é seu forte, mas sei também que suas broncas sai palavras que se eu não usar enquanto jovem mais tarde você lembrar delas e pensar nessas palavras.

Fiquei muito tempo longe de você e quase não participei da sua vida, mas tem muito tempo pela frente para termos muitos momentos juntos e mais tarde lembrarmos de tudo de bom que aconteceu com a gente.

Deve estar confusa sobre ser dia dos pais e a carta ser para você, mas isso é porque pra mim você sempre será minha mãe e meu pai sempre.

Beijos do seu filho João que te ama."

Esta atividade calcada na realidade dos alunos visando a escrita mostrou a possibilidade de trabalhar com atividades tendo por escopo desenvolver sujeitos autônomos, capazes de ler/escrever o mundo das mais diversas formas. Para tanto torna-se necessário que o professor recorra as mais diversas formas e fontes de informações e textos levando os alunos a reflexão crítica centrada no diálogo e trocas entre indivíduos. Esse exercício possibilita que o aluno exerça sua cidadania e seja dono de sua história. Consciente, crítico e transformador. . Nesse sentido Ferreiro (2004, p. 25):

"As crianças são facilmente alfabetizáveis desde que descubram, através de contextos sociais funcionais, que a escrita é um objeto interessante que merece ser conhecido (como tantos outros objetos da realidade aos quais dedicam seus melhores esforços intelectuais)."

A escola precisa mostrar o valor social da escrita. Neste interim conheci a Prof. Analice Milan C. Nepomuceno, que desenvolvia com seus alunos um projeto de intercâmbio cultural—Brasil/França. Projeto: Escrita e Reescrita.

Esse projeto visa a interação entre alunos franceses, que fazem curso de Língua Portuguesa em Paris e que tem como fim corresponder com

brasileiros com o objetivo de além de relacionarem-se, exercitar a escrita e familiarizarem-se com a cultura brasileira. Conteí a ela sobre o trabalho com cartas que estava desenvolvendo e ela convidou-nos a participar do projeto. Poderíamos escrever para estes alunos e quem sabe manter correspondências e novos pontos de cultura. Os alunos ficaram interessadíssimos e por alguns meses mantivemos contatos através de cartas. Foi muito interessante e satisfatório terminar o ano com nossos alunos correspondendo com alunos da Escola Lycéo Moliére na França . Abaixo segue exemplo de algumas correspondências. Nossos alunos ainda não sabiam o nome do correspondente pois a carta era endereçada à escola francesa e esta repassava a seus alunos e estes ao responder se identificavam e a correspondência passaria então a ser mais pessoal.

Campinas 11 de setembro de 2008. Oi! Bom dia!

Fiquei sabendo deste intercâmbio pela Professora Ambrosina. Ela é a nossa professora de Português. Moro no Brasil. Estou escrevendo esta carta com objetivo de que a minha carta caia em suas mãos e que eu seja escolhida. Eu me chamo Adriane Zubek de Souza, tenho 11 anos, sou branca e a minha cor favorita é o vermelho. Estudo na Escola Municipal. Moro no bairro Jardim Itatiaia, na Rua... Nº ..., o número da minha casa é o . Minha mãe é dona de casa, ela chama-se Lídia Zubek de Souza. Meu pai faz "bico", ele chama-se Reginaldo Santos de Souza. Tenho um irmão que se chama Gabriel Lubek de Souza, ele tem apenas quatro anos. Eu faço aniversário no dia 23 de setembro. Moro com meus pais, meus 3 irmãos e com o meu tio. Somos muito felizes juntos.

Quería muito aprender a Língua Francesa. Meu país é muito legal.

Obrigada por esta oportunidade que está nos proporcionando.

Adriane

Campinas 12 de setembro de 2008. Prezado

Meu nome é Leonildo. Eu gostaria de falar em Francês. Eu estou na 5ª série e gosto de brincar com os meus amigos de betes. A minha escola é bem legal. Quando eu crescer eu quero conhecer a França. Moro com a minha mãe, com meu pai e com meu irmão. Eu moro no Jardim Itatiaia a minha profissão é ser desenhista ou jogador de futebol. A Professora Ambrosina é muito legal e ela ensina-nos a fazer muita coisa. Bem legal e gostaria de falar em francês. Muito obrigado por tudo. Leonildo

Cartas respostas:

Paris, 24 de outubro de 2008. Olá, Valquíria, tudo bem?

Chamo-me Carlos. Tenho 12 anos. Estudo na escola Moliére. Sou alto, moro em Paris na Rua L'assomption. Eu gosto muito de jogar basquete. Quando crescer quero ser arquiteto ou quero ser jogador profissional de Basquete. Eu tenho um irmão. Eu gostaria de conhecer Los Angeles, nos

Estados Unidos, por que lá é muito bonito e tem muito a fazer. Eu sei que tu queres vir em França, ela é muito bonita tem a torre Eiffel, tem o Arco do Triunfo e os Campos Eliseos, mas as ruas não são limpas. Tem muito cocô de cão e tem muito cigarro no chão. C'háo, Carlos

Paris, 24 de outubro de 2008. Olá, Lidiane, tudo bem?

Chamo-me Jéssica, tenho 12 anos, peso 98 kilos, tenho cabelos castanhos, os olhos castanhos sou simpática e meto sempre uma pinça no cabelo. Moro na Rua de Passy o número... ao pé da Torre Eiffel em Paris, não tenho irmãos nem irmão estou sozinha com meus pais. Gosto de cantar, de dançar e de tocar guitarra. Gosto muito de cães. A minha comida preferida é Macdonald, peço sempre Bicmaq com fritas e Ice Tea. As minhas melhores amigas são Anna – Sophia é portuguesa e está na mesma turma que eu, e Sônia, que vive em Portugal na praia e nas férias de julho a agosto é que a posso ver. Eu estudo no Lycéo Molière, eu estou na (5ª) 6 – 7 séries tenho 12 professores. E tu? Qual comida gosta qual são teus melhores amigos e amigas.

Espero que vá me responder. Beijinhos para ti. Jéssica Rita

“um ambiente alfabetizador que inclua materiais do mundo extra-escolar (jornais, cartazes, revistas, livros) e atividades que vinculem funções sociais (leitura e escrita do adulto em situações comunicativas).” (TEBEROSKY, 1992).

No ano de 2008 o Estado de Santa Catarina foi vítima de uma catástrofe. A chuva destruiu parte do Estado causando uma comoção nacional. Pensamos em ajudá-los. O espírito de solidariedade envolvia a todos e por ser uma comunidade pobre não poderíamos ajudar materialmente. Surge então a idéia de escrevermos cartas para os jovens com algumas palavras de ânimo e força. O envolvimento foi total.

#### Carta aos flagelados de Santa Catarina

“Campinas – SP 04/12/08,

Olá, eu me chamo Richard.

Eu moro em Campinas SP , e vi a situação que vocês estão passando e mando esta carta e sei que não é muito, mas é de coração.

Você deve ter perdido todas as coisas, televisão geladeira e outras coisas de valor. Mas o mais importante você tem, saúde. Você pode começar tudo de novo. Eu sei que não vai ser a mesma coisa do que era antes, mas você pode tentar tudo de novo. Várias pessoas estão ajudando, mandando comida e água. A água é o mais importante porque uma pessoa consegue ficar poucos dias sem água. Mas eu sei que você vai virar o jogo. Você não pode desistir. Você tem de ficar unido com sua família e eu te desejo boa sorte.

Fique com Deus. De: Richard”

## 2.2. O ENCANTAMENTO DO FOLCLORE

Aproveitando o visível entusiasmo agora também para escrever resolvemos dar continuidade.

Contando e escrevendo histórias Aproveitando o visível entusiasmo resolvemos dar continuidade. Lendas folclóricas, tão citadas durante o processo. Entusiasmados fomos pesquisar sobre o folclore. Várias lendas foram oferecidas em textos xerografados, livros emprestados pela professora e alguns poucos oferecidos pela biblioteca. Entendemos a importância da personalidade cultural. De posse de muitas lendas, podíamos agora, já mais desinibidos, apresentar em outras salas. Preparamos cartazes, desenhos e registros escritos de pesquisas. Agora apresentaríamos para nossos colegas. Todos de 6º anos. Organizado de tal forma que cada sala ficava com 4 lendas diferentes entre salas. Muita expectativa! Muita emoção. Nos dias de ensaio foi necessário que eu os acalmassem pois temiam errar e tinham “vergonha”/“medo”. Duas mães encontraram comigo na entrada da escola e disseram do entusiasmo e euforia que o trabalho estava causando. Todos envolvidos. Até aqueles com mais dificuldades – pareciam mais desinibidos. Já estavam preparados para alçar novos vãos, agora embalados pelos encantos das sereias .....( ). Estes já tinham vencido a barreira da sala de aula e com a ajuda do grupo estavam prontos para a próxima “empreitada”. Como seríamos recebidos pelas outras salas é de bom tom que como visitas levássemos presentes. Para este momento confeccionamos, em Origami, personagens temas dos trabalhos e presentearmos nossa platéia. O origami foi ensinado em sala, com a ajuda da Professora de Artes. Símbolos universais do Origami foram socializados, registrados no caderno e modelados em papel dobradura. Depois de orientados quanto a dinâmica o trabalho foi finalizado em casa. Utilizando a arte do Origami, histórias e cantigas, entramos no mundo mágico do divertimento.

E da criatividade, transformando o papel em brinquedos, histórias e brincadeiras. Tínhamos que produzir um número muito grande e cada grupo responsabilizou por terminar em casa. Tivemos que aprender a usar a régua. Os alunos não estavam muito familiarizados com os centímetros, meios quadrados e retângulos.

9 Sereia  
"Isto é fita de homem  
Que vara letescomem  
Por causa de sua língua  
Sua moeira volta a fala  
Mas é chamado de mala  
Bem por do que sua língua  
Mentira seu maluco serro  
Quando ele ficar velho  
Se que vai morrer à marujas"

8 Mala  
Duzentos, não é m re enano,  
Que sua mãe proibiu  
E voce morreu pagão  
E agora paga este preço  
Espere de maloque tremoso  
Se que fazer gozão  
Nilo em se isto e certo  
Agota negrodo repito  
Mô é uma empolgação"

10 Mala  
"Eles inventam de man  
Também não cou assim  
Como fala esse povo  
Que são da minha covã  
Quando eu ha nova  
No meio do encanto  
Faço para ver cavaio  
Turo fogo do meu caseo  
E papo arginho papão"

Ao final de três dias eu já estava, acho, em minha pasta com todos os sacis do mundo... e as sereias também. Aproveitamos para conhecer comidas típicas, dançamos frevo, quadrilhas.... E em meio a este imaginário, lemos, fizemos ditados, desenhos e falamos.... Falamos muito. Para encerrar o trabalho que se alongou agosto “afora” encerramos o trabalho com um texto escrito onde o aluno criaria a sua versão da lenda em linguagem verbal e não verbal. Sempre alertados a preservar a essência de cada narrativa. Relatar sob a expressão do mito.

A seguir texto produzido pela aluna Aracely e desenhos registrando a visão futurista dos personagens. Como seriam, viveriam nesta era estes personagens?

- O Saci foi levado ao ortopedista,
- Cuca usa aparelho nos dentes.
- Curupira na era moderna usa a tecnologia para proteger as matas: [curupira\\_protetordasmatas@yahoo.com.br](mailto:curupira_protetordasmatas@yahoo.com.br)

A Yara

“Certo dia um rapaz estava passeando e ouviu uma linda voz, olhou para trás viu uma linda mulher de cabelos longos, olhos verdes e uma calda de peixe. Perguntou:

- Como é o seu nome? Ela respondeu
- Yara. E foi mergulhando para o fundo do mar.

Caio foi correndo para sua casa, chegando lá falou:

- Mãe! Mãe, hoje é o melhor dia da minha vida. Sua mãe chamava-se Dona Ambrosina. Ela perguntou ao seu filho:

- Por quê meu filho?
- Eu vi a Yara. Ela é linda. Mais linda do que a senhora. Dona Ambrosina falou:
- Meu filho, Yara mãe d'água ela enfeitiça todos que ouvem sua canção.
- Mãe, tudo que você fala é uma lenda. Você está é com inveja.

Caio estava enfeitiçado e saiu correndo para ver Yara. Dona Ambrosina estava tão velha que não conseguia correr quando chegou já era tarde demais. Yara já tinha levado Caio para o fundo do mar. Dona Ambrosina gritou:

- Caio! Caio! Meu filho! De repente aparece Yara e transforma dona Ambrosina em outra Yara muito mais poderosa do que as outras. Ela enfeitiçava os homens que estavam com casamento marcado.” Aracelly 6ªC

“Eu achei muito legal e divertido. É muito bom poder ensinar o que a gente sabe sobre o folclore para as crianças pequenas que ainda não sabem o folclore. Que pena que o Davi esqueceu as lembranças no ônibus e que pena que as outras pessoas faltam.” Stefane 6ªC

“Eu senti muito medo de errar a minha fala, eu também fiquei um pouco nervosa eu acho que um pouquinho até demais, depois fui ficando mais calma com os elogios as perguntas foi uma experiência muito legal essa

15 Saci  
"Beleza pra você não arrano  
Pois eu já recordo o fim  
E apaguei o fogo do pito  
Já posso murar no pó  
Sua malinha boca  
No seu fogo eu não frito  
Está falando um arroso  
Eu pegu você no firme  
Chego a espera e rolto um grã

17 Saci  
"Já ouvi alguém falar  
Quem estronda ao galopar  
Não passa na encruzilhada  
Diz que você é enganar  
Voltando à forma humana  
Quando é de madrugada  
Com o cabelo curupado  
E o pescoço machucado  
Suja e toda amarrada"

16 Mãe  
"Não sei se você escapa  
Vou te prender na garrafa  
E arrancar o seu bone  
Sei que é muito espertinho  
Mas no seu rodarinho  
Não estou botando fé  
Sou mais rigida que o vento  
Nisso como te arrebitado  
Qu'isso: você é pé"

17 Mãe  
"De você ouvi ainda mais  
Chupa sangue dos animais  
Luz que o marrego é culpado  
Vai na sua dele  
E no cavalo eu pelo  
Você fica dependurado  
Faz trampo na sua cruz  
Depois de montado em cima  
Mata o bicho de quando"

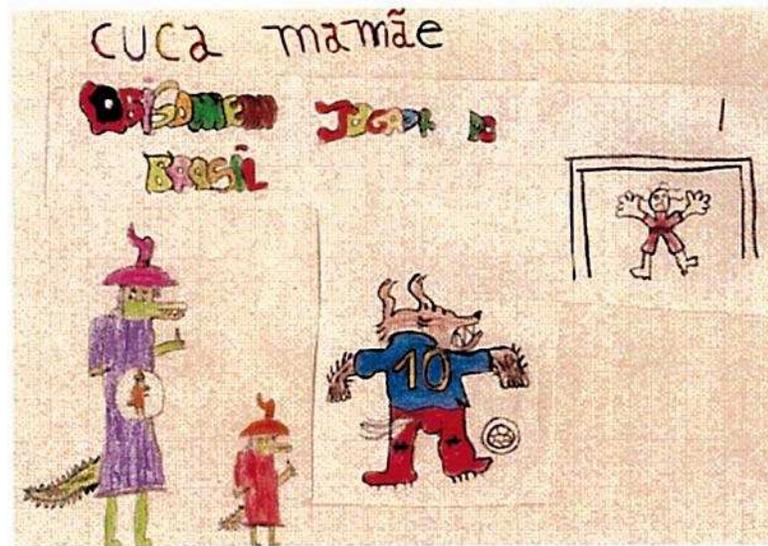
experiência foi como entender uma criança pequena ou como por um dia ser uma criança esse dia eu não vou esquecer nunca mais e vou guardar todas essas crianças no meu coração que por fora pode ser pequeno, mas por dentro é gigante." Laryssa de Paula Lima 6ª C

"Em minha opinião não foi muito bom o Davi esquecer os brindes, mas de todo jeito saiu bom além do frio na barriga é o grupo do Boto nos ajudando. Eu dou nota 10 para o grupo do Boto e o nosso da lara, e 1000 para você por ser uma professora boa e criativa." Aracelly 6ªC.

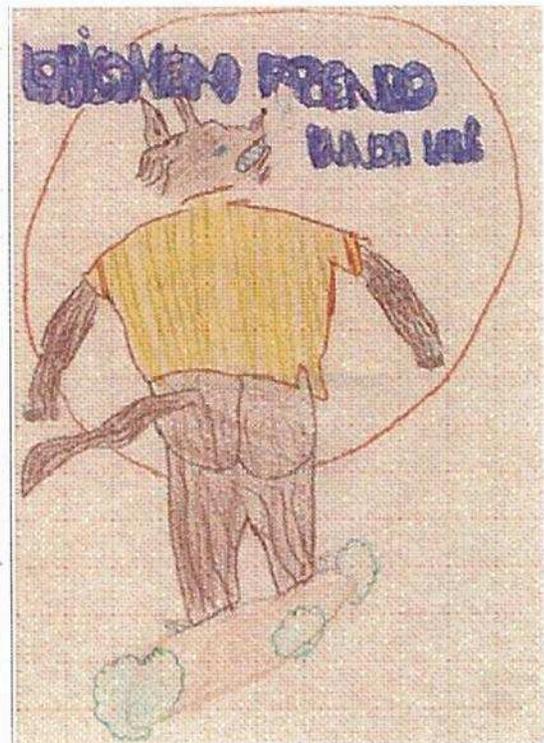
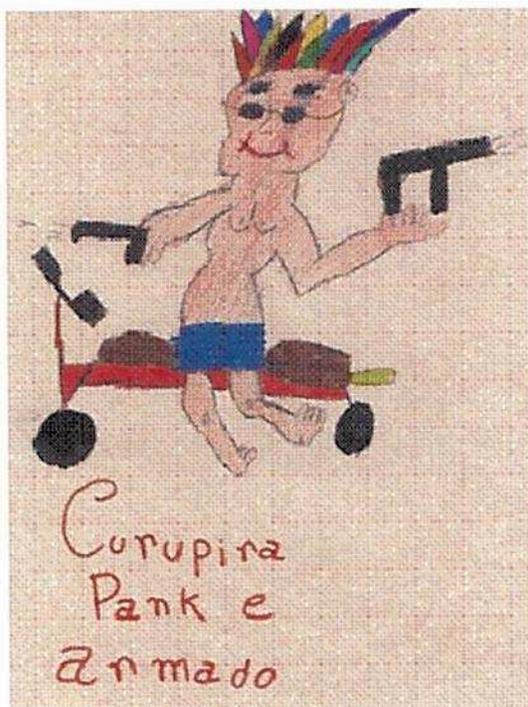
19 Saci  
"Comedora de defunto  
Eu metendo do assunto  
Fazinha da encanado  
Va corre atrás dos piratas  
Maneja com os compadres  
Se que faz tremor e chilo  
Eu já vou indo por ai  
Por só quero me divertir  
Até uma outra ocasião"

### Visão futurista dos personagens folclóricos

Exercícios & atividades  
Visão futurista  
dos personagens folclóricos



20  
A Mula rinchou e saiu  
Pela estrada ramou  
Igual um carro de fogo  
O Saci deu um aninho  
Enfrentou o desafio  
Como se fosse um jogo  
Eu fiquei paralizado  
Quendo o que foi falado  
Com uma cara de boto



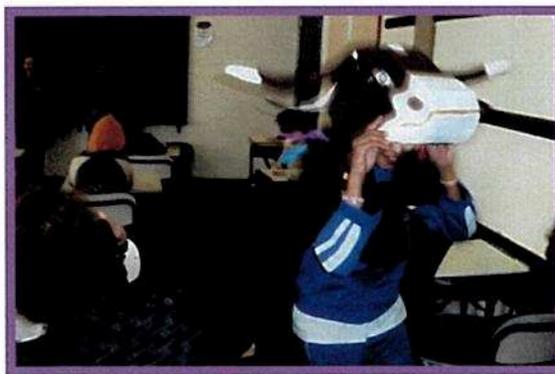
Para o estabelecimento de uma relação dialética entre memória e história escrita, a história oral constitui um mecanismo admirável. Por expressar uma riqueza de conhecimento em todos os aspectos do vivido, ela pode reatualizar ou acrescentar dinâmicas sociais, personagens típicos e eventos marcantes, que não são substancialmente revelados pelos escritos oficiais. Dessa forma, ampliamos a capacidade do pesquisador e os limites da própria pesquisa.

Quando falarmos de temáticas tradicionais e populares, vale destacar: o mais importante aqui, não é a veracidade da fala do depoente. O importante é o significado atribuído a experiência vivida por seus participantes e a percepção do imaginário camponês que ainda povoa o cotidiano local. "Tais elementos indicarão a onipotência da natureza e os limites impostos à ação humana, bem como, as inovações técnico-científicas que libertam, glorificam e inquietam a todos."

ELDINHO PEREIRA DA SILVA

Professor-pesquisador graduado em História pela Urca, com especialização em História do Brasil [regional@diariodonordeste.com.br](mailto:regional@diariodonordeste.com.br)"

Nesta altura do trabalho o envolvimento entre nós era visível, agradável e produtivo. Como resultado tivemos textos criativos, interesse dos alunos, textos carregados de humor de humor e principalmente é visível a desinibição .O texto flui como por mágica.



## 2.3. Contrafabulando

Em meio a substantivos, adjetivos, pontuações, parágrafos sujeitos e SUJEITOS partimos agora para a cultura das fábulas . Conhecemos então algumas fábulas com as quais Monteiro Lobato (este já popular entre os alunos) dialogou. Conhecemos La Fontaine e também foram disponibilizados vários textos xerografados e empréstimos da biblioteca para que fossem lidos e manuseados. O critério de escolha foi pelas fábulas mais populares entre os alunos privilegiando aquelas que dialogavam com escritores nacionais, principalmente Monteiro Lobato . Pretendemos aqui trabalhar , leitura, intertextualidade entre nossas fábulas e sua tradição , leitura e mais uma vez a produção de texto----a fala por meio de narrativas.

"(...) fábula é um ato de fala que se realiza por meio de uma narrativa. Logo, ela constitui um modo poético de construção discursiva, em que o narrador passa a ser o meio de expressão do dizer. Na fábula, o narrar está a serviço dos mais variados atos de fala: mostrar, censurar, recomendar, aconselhar, exortar etc. (...) É que a maleabilidade de sua forma lhe permite incorporar novos repertórios de narrativas e ajustar-se à expressão de visões de mundo de diferentes épocas.. (DEZOTTI, p. 22)

Para ilustrar registro com uma das atividades desenvolvida em sala de aula que intitularei De La Fontaine às adaptações de Ruth Rocha e José Paulo Paes. Continuamos na linha de que ler e prazer caminham para o entender e o criar. Conseqüentemente interiorização e uso da gramática para produção do texto escrito.

Textos trabalhados:

"A cigarra e a formiga

Depois de haver cantado durante todo o verão, quando se aproximava o inverno a cigarra se encontrou em extrema penúria, por falta de provisões. Como nada lhe restasse, nem um pequeno verme ou algum resto de mosca, e estando faminta, foi à procura da formiga, sua vizinha. Pediu-lhe que lhe emprestasse alguns grãos, a fim de manter-se até que voltasse o estio.

- Eu lhe prometo minha amiga – disse a formiga – sob palavra, a pagar-lhe tudo, com juros, antes do mês de agosto.

A formiga, que nunca empresta nada a ninguém e, por isso, consegue amealhar, perguntou à suplicante:

- Que fazias durante o verão?  
- Passava cantando os dias e as noites – respondeu a cigarra.  
- Pois muito bem – concluiu a formiga. Cantava? Pois dance agora!”(LA FONTAINE, Jean de. Fábulas de La Fontaine, Rio de Janeiro: Matos Peixoto, 1965)

“A cigarra e a formiga por Ruth Rocha.

A cigarra passou todo o verão cantando, enquanto a formiga juntava grãos. Quando chegou o inverno, a cigarra veio à casa da formiga para pedir que lhe desse o que comer. A formiga então perguntou à ela:

- E o que é que você fez durante todo o verão?  
- Durante o verão eu cantei – disse a cigarra. E a formiga respondeu:  
- Muito bem, pois agora dance!” (ROCHA, 1986, )

“Sem barra

Enquanto a formiga  
Carrega comida  
Para o formigueiro,  
A cigarra canta,  
Canta o dia inteiro.

A formiga é só trabalho.  
A cigarra é só cantiga  
Mas sem a cantiga  
Da cigarra  
Que distrai da fadiga,  
Seria uma barra  
O trabalho da formiga.  
(PAIS, 1989, .)

Com esta atividade, além dos momentos agradáveis de ouvirem suas próprias criações, valorizados nos seus egos, tornamo-nos falantes mais desinibidos e competentes. Habilidade e significado.

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam, (BETTELHEIM, ANO, p.13).

Algumas falas interessantes a registrar

“A cigarra foi ao Programa do Raul Gil, ganhou o prêmio, gravou um CD. Ganhou muito dinheiro e hoje leva a formiga para passar férias em Paris...”

“A cigarra explicou a formiga que um mundo sem música seria muito ruim e que fazer o trabalho ouvindo música é muito melhor... A formiga emprestou a comida para a cigarra e agradeceu”.

Em tempo, foi sugerido que as “contrafábulas” enfatizassem a cultura de paz.

### A Paz se aprende na escola

A chance de construir um mundo sem violência está na mão dos professores, que criam condições para gerações e culturas diferentes dialogarem. Essa é uma das idéias de Ubiratan D Ambrosio, homem com um olhar para o futuro.

“Só quem pode surgir com o novo é o novo. E o novo são as crianças. Com elas, poderão vir as respostas que não encontramos”, declara D. Ambrosio. (Em entrevista para o blog Educar para crescer)

A língua só existe se locutores e interlocutores se apropriam dela para a comunicação. Falar, ler, escrever, escutar só são necessários se o sujeito faz uso para reforçar suas relações sociais, seus discursos e para serem compreendidos. Capazes de manterem-se autores e construtores de suas próprias vidas -- sujeitos independentes. Sujeitos atuantes, transformadores e pensantes. Sujeitos que se posicionam. Nessa relação dialógica entre locutor e interlocutor, ao meio social, em que o verbal e o não-verbal influenciam de maneira determinante a construção dos enunciados. Este ser independente é capaz de construir o seu destino e o destino da sociedade à qual pertence.

### Texto produzido por aluno:

“Era um dia muito quente na floresta Amazônica  
Havia um formigueiro com várias formigas trabalhando. Um dia a formiga trabalhando ouviu uma cantiga muito linda e foi ver o que era. Quando chegou lá era uma cigarra cantando. A formiga perguntou para ela:  
- Por que não está trabalhando?  
A cigarra respondeu:  
- Porque estou cantando. Mas por que essa pergunta?  
- Nada só para saber. Mas quando chegar o inverno o que você vai comer?  
- Comida do Acre.  
- Você vai viajar? Para o Acre?  
- Sim!  
- E quando chegar o inverno lá?  
- Vou voltar para o Brasil. E você o que vai fazer?  
- Vou comer meus mantimentos que eu passei outono todo trabalhando. Mas o papo está bom! Eu tenho que trabalhar!  
- E eu tenho é que viajar.

- Adeus amiga, até o verão!"(Ingrid 6 ano B)

"Um belo dia, um cãozinho que morava na rua estava morrendo de fome. Ele procurava com as poucas forças que tinha algo para comer e que matasse a sua fome.

Todos que olhavam para o cãozinho ficava com muita pena, até que um açougueiro que estava ali perto viu o cão e resolveu dar um pedaço de carne que ele tinha em seu açougue. Quando o cão recebeu a carne ficou todo alegre, mas estava atento, porque alguém ou algum cachorro poderia tentar pegar a sua carne e para se prevenir, tratou de ir para bem longe onde ninguém o veria e nem ao seu pedaço de carne.

Andou para bem longe até que chegou a um lugar muito tranqüilo, onde havia um rio. Antes de comer a carne o cão se aproximou do rio e viu o reflexo da carne que estava em sua boca, pensando que era outra carne ele soltou a que estava segurando para pega-la, a sua imagem, o cachorro desesperado e inconformado em perder seu pedaço de carne pulou nas águas do rio com a intenção de resgatar a sua carne, mas de nada valeu a pena, assim como a carne o caro também se foi nas águas do rio e até hoje não se viu o cão nem o seu pedaço de carne.

"Moral: É melhor agradecermos o que temos, do que cobiçarmos o que não nos pertence." (Thamires 5ªB)

## 2.4. A história teatralizada

Um contador de histórias é capaz não só de nutrir a imaginação, matar a curiosidade, fazer a ponte entre os diferentes universos culturais, mas também levar os ouvintes a encontrarem idéias para solucionar problemas e vivenciar emoções, reconhecendo seus próprios recursos... Tudo isso pode acontecer caminhando através do universo das histórias e regado a muito divertimento! Para aqueles que já descobriram nas histórias a magia que elas trazem (ou a arte de contá-las), surgiu então um bom momento para que nos apropriássemos de alguns personagens e montássemos uma peça de teatro que enfocasse a higiene. A Orientadora Pedagógica pediu a todos os professores que trabalhassem o tema. Os alunos estavam sujando muito a escola. Foi então que surgiu a idéia de montar uma peça de teatro. Montamos usando personagens de histórias ouvidas em sala de aula. Usamos então o teatro para além de ampliar nossas habilidades de leitura servir como formador de hábitos confirmando os nossos objetivos de formarmos cidadãos conscientes e transformadores.

Nome da peça adaptada: "Em escola suja há ratos e baratas assanhados··".

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa recomendam a diversidade de textos, assinalando o texto teatral, tanto no

ensino fundamental quanto no ensino médio - como forma de ampliação das possibilidades de leitura do mundo.

“A arte é a contemplação: é o prazer do espírito que penetra a natureza e descobre que ela também tem uma alma. É a missão mais sublime do homem, pois é o exercício do pensamento que busca compreender o universo, e fazer com que os outros os compreendam.” (AUGUSTE RODIN).

Uma das diferenças fundamentais entre o texto narrativo e o texto dramático é que o texto narrativo CONTA uma história enquanto o texto dramático MOSTRA uma história. O texto dramático reproduz em discurso direto as falas dos personagens. *“É um texto grávido de um espetáculo teatral”* (SANT’ANNA, 1996).

Transcodifica uma linguagem em outra linguagem. Ver a cena, entender a história e fazer esta transcodificação “vendo” a cena, pois o texto fornece elementos que lhe possibilitam visualizar a história, “ver” a história, por isso dizemos que o texto dramático MOSTRA. De alguma forma esta maneira da palavra ser responsável pela criação de imagens visuais, proporcionar a visualização da cena – presente ali e agora - ocorre no teatro e no contar de histórias.

O objetivo central é capacitar o leitor a interagir com o texto teatral em sua versão impressa e, conseqüentemente, com a atividade dramática que se projeta, a partir do texto. Assim transitamos, através do texto, pelas Artes Cênicas, pela literatura dramática e pela leitura – em seu sentido mais amplo e ativamos nossa imaginação. Visualizar, resgatar, vivenciar, formar, criar, compreender e dar sentido ao texto. O método Waldorf de pedagogia fala desta questão, no seu processo de ensino-aprendizagem criado pelo filósofo Steiner.

“A habilidade na leitura requer muito mais do que parece à primeira vista. As pessoas geralmente concebem a leitura como a habilidade em reconhecer a configuração de letras dispostas numa página e em pronunciar as palavras e frases nelas representadas. Claramente, a leitura é muito mais do que isso que nos acostumamos a ver! Além do processo superficial de decodificar palavras em uma página, há ainda a correspondente atividade interior a ser cultivada para que uma verdadeira leitura possa ocorrer. Os professores Waldorf chamam esta atividade de “vivenciando a história”, (STEINER).

*Daí a importância da atividade interior da leitura - a habilidade de compreensão na leitura.*

Massaud Moisés articula ao texto teatral um componente fundamental da leitura: a imaginação.

"De fato a leitura implica um exercício de imaginação que se torna mais intenso, quando relacionado à literatura. Cada gênero estabelece uma relação diferenciada entre leitura e imaginação. A lírica afetaria diretamente a emoção do leitor, que parte, em seguida, para a associação de idéias, do que resulta a criação de imagens e sensações. A narrativa promove a relação do leitor com o protagonista, com o desenvolvimento do enredo. O leitor de teatro, falho de recursos como dissertação, narração e descrição, vê-se obrigado a movimentar todas as turbinas de sua imaginação, sob pena de permanecer impermeável ao texto. ( MOISÉS, 1969).

"Portanto podemos afirmar que a leitura do texto teatral, em relação aos outros gêneros é um exercício de imaginação vital, pois a natureza do gênero dramático atribui-lhe uma particularidade, a qual associa a possibilidade de encenação às possibilidades de interpretação do sujeito leitor. O fato de essa possibilidade estar latente, gritante em sua composição, exige que sua leitura "dê conta" de atualizar mentalmente toda a narrativa e imaginá-la, devendo o leitor apostar nessa faculdade humana para realizar uma leitura significativa do texto teatral." (MOISÉS, 1969).

E foi assim... Passamos a ser personagens e co-autores dos textos. Os alunos perceberam as possibilidades múltiplas de leitura de textos-autores. Visível o dialogismo, a interação.

## 2.5. Poesia: despertando emoções

### RECEITA PARA ACORDAR PALAVRAS

**Palavras são como estrelas,**

Facas ou flores

elas tem raízes pétalas espinhos

são lisas

ásperas leves ou densas,

para acordá-las basta

um sopro em sua alma

e como pássaros vão

encontrarseu caminho...

Autor: Roseana Murray

Analisamos a poesia e ela nos despertou. "Escribas" agora que nos tornamos colocamos no papel as nossas palavras que estavam acordadas...

Análise feita por alunos

" Receita para despertar Palavras

Palavras são grandes, luminosas, às vezes podem machucar, mas também são suaves. Elas têm um começo, meio e fim. São pequenas e curiosas. Mas também podem ser muito desagradáveis.

Palavras são corretas, grosseiras, carinhosas, podem magoar ferir, ofender. Para acordá-las basta chamá-las e incentivá-las e como livres vão encontrar o seu significado. (Autora: Larissa Queirós 6 ano B)

Receita para acordar palavras

Análise da poesia

Palavras são brilhantes. Às vezes podem machucar ou agradam.

Elas têm começo, são delicadas, podem ferir.

São desagradáveis, são grossas, suaves ou pesadas.

Para acordá-las basta escrever ou falar coisas bonitas.

As palavras podem voar ser livres e podem chegar ao seu fim. ( Fernanda Série: 6ª (A)).

"Receita para acordar palavras"

"As palavras são como um grande animal que atinge a sua alma com muita fúria e fervor". Mas também são como flores doces e lindas.

Elas também têm uma grande ligação com os sentimentos, como uma raiz, e muita beleza, têm espinhos que podem ferir seu coração.

Temos palavras belas, muito carinhosas. Tem aquelas que não são duras, razoáveis, só para dar um alerta. Mas, sempre tem algumas que devemos evitar para não ferir alguém, ou até a nós mesmos.

Para termos essas palavras basta termos alguns sentimentos, eles podem ser de ódio, amor, tristeza, alegria.

As palavras podem levar você a fazer coisas inesperadas, coisas apaixonantes, e coisas muito cruéis. "Nome: Thalita Prado Série: 6ª A

Já somos escritores. Somos poetas, contadores de casos, missivistas e escrevemos com prazer.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos relatos, exemplifico com vários recursos didáticos usados em sala de aula com o fim de investigar os envolvidos na prática de pesquisa. A realidade das salas de aulas das EMEFs está muito distante da teoria pensada por educadores nas academias.

O jovem do séc. XXI está muito mais próximo das imagens, TV, internet, da oralidade, do que da palavra escrita. Isso obviamente implica uma lacuna em termos de expressão e compreensão do mundo em que ele está inserido. Essa incapacidade vai se traduzir em indivíduos com pouca ou nenhuma reflexão crítica, meros reprodutores e receptores passivos de imagens impossibilitados de construir a própria história.

Diante dessa realidade não havia como trabalhar a não ser via resgate de algumas tradições orais que, num primeiro momento seriam o que o próprio nome afirma: oral. Diante desse quadro podíamos partir para a leitura mesma, com o propósito de criar o gosto por esta atividade e quem sabe a produção de outros textos. E mais: esse método de ensino e aprendizado, além do baixo custo promove as relações interpessoais no grupo.

Pois bem, o programa foi muito além das expectativas. Depois desse primeiro contato com a palavra (e com a história) os estudantes não só se revelaram bons ouvintes, mas também se descobriram criadores e produtores de textos – e que textos! Ou seja, esse resgate não se deu de forma restrita, além de contar histórias, eles as recriaram com base no seu universo, elaborando o vocabulário para trazer a tradição ao seu mundo, descobrindo valores e adaptando costumes. Nessa trajetória, o estudante pôde ter acesso a valores culturais que compõem a sua identidade, tanto individual quanto coletiva.

E é aqui que cabe a seguinte questão: em que momento o professor está preparado em sala de aula para dar o conteúdo proposto pela LDB. Ora, é o professor que deve promover esse momento. Isso significa um trabalho

conjunto que permite uma compreensão eficaz das habilidades e competências que possibilitam um cidadão consciente e autor da própria aprendizagem.

Nesse sentido a leitura e produção de textos feitos em sala constituíram a base para o ensino da norma culta, bem como de suas variações lingüísticas.

O resultado deste trabalho pode não estar dentro dos parâmetros desejados pelos programas oficiais do ensino fundamental. Porém diante das circunstâncias – familiares, sociais, regionais etc. – esses estudantes apresentaram uma evolução que vai muito além de qualquer expectativa educacional.

Hoje eles têm pleno entendimento do que lêem; sabem se expressar na forma escrita (mesmo que com alguns erros gramaticais); tem consciência da sua realidade e dos valores que a compõem. Mais do que isso, eles têm consciência de si e do outro, num processo que inclui a construção da auto estima e da possibilidade de sonhar como alternativa para um futuro mais digno.

## BIBLIOGRAFIA

- Ferrara, Lucrecia D'Aléssio. *Leitura sem palavras*. São Paulo: Ática, 2000.
- GALLO, SILVIO. Acontecimento e Resistência: a educação menor no cotidiano da Escola. In Camargo, A. M. F e Mariguela, M. *Cotidiano Escolar – Emergência e invenção*. Piracicaba, SP: Jacinta, 2007
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. RJ: Paz e Terra S/A, 1980
- DEZOTTI, Maria Celeste Consolin, *A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine-Brasília*: Ed. Universidade de Brasília. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003
- Lévy, Pierre, 1956 [Qu'est – ce que le virtuel? Português: O que é virtual?/ Pierre Lévy; tradução de Paulo Neves. – São Paulo: Ed. 34, 1996, 160 p. (Coleção TRANS).
- Sampaio, Marisa Narcizo – *Alfabetização tecnológica do professor/ Marisa Narcizo Sampaio, Lígia Silva Leite*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- Dicionário Paulo Freire/Danilo R. Streck, Euclides Redin, Jaime José Zitkoski, (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- Educação: um tesouro a descobrir. – 6. Ed. – São Paulo : Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2001. “Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI.”
- Integração das Tecnologias na Educação/Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005. 204 p.; il.
- Artemídia e cultura digital/ Arthur Matuck, Jorge Luiz Antônio [organizadores]. – São Paulo: Musa Editora, 2008 – (Biblioteca aula Musa cultura digital);
- 1) Vários autores. Apoio: PGEHA-USP, FAPESP.
- DAMIN, M. A. S. *Olhares Nômades sobre o Aprendizado na Arte da Modelagem Matemática no “Projeto Ciência na Escola”*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2004.

LEITE, 1999

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.

MATUCK, Jorge Luiz Antônio. *Artemídia e cultura digital*. São Paulo: Musa Editora, (Biblioteca aula Musa cultura digital); Vários autores. Apoio: PGEHA-USP, FAPESP, 2008.

MEC: Integração das Tecnologias na Educação. *Secretaria de Educação a Distância*. Brasília: Ministério da Educação. Brasília, DF: Seed, 2005.

UNESCO. Educação: um tesouro a descobrir. *Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI*. 6ª Ed., São Paulo: Cortez, 2001.

PRADO Maria Elizabette Brisola Britto. *Integração das Tecnologias*. Editora-UNICAMP ANO

SAMPAIO, Marisa Narcizo. *Alfabetização tecnológica do professor*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

STRECK Danilo R.; REDIN Euclides; Zitkoski, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa Ação*. 4ª ed. S. Paulo: Cortez, 1998.

MEGID NETO, Jorge. *Tendências da pesquisa acadêmica sobre o ensino de Ciências no nível fundamental*. Campinas: Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1999. 365 p. (Tese de doutorado).